

ORFEU

COLABORADORES

LÊDO IVO ◉ WILSON MARTINS ◉ PAULO MENDES CAMPOS ◉ DARCY DAMASCENO ◉ BERNARDO GERSEN ◉ DANTAS MOTTA ◉ FERNANDO FERREIRA DE LOANDA ◉ MARCOS KONDER REIS XAVIER PLACER ◉ FRANCISCO PEREIRA DA SILVA ◉ FRED PINHEIRO ◉ WALTENSIR DUTRA ◉ PAULO ARMANDO ◉ TEREZINHA EBOLI ◉ HAYDN GOULART ◉ WILLY LEWIN ◉ ZITO BAPTISTA FILHO ◉

POESIAS

de
Alphonsus de Guimaraens
Filho

“Eis um poeta que acredita no trabalho, na reflexão estética, na cultura”. (Mário de Andrade).

Edição da Livraria do Globo
— Porto Alegre

DIA e NOITE

poemas de J. Etienne Filho

Depois do modernismo, começam a surgir os novos poetas. Este nos vem da Montanha, e traz consigo toda sensibilidade recatada de Minas.

Uma edição AGIR

A BUSCA

de Maria Julieta Drummond
de Andrade

“É a novela que se impõe por si mesma, com outras riquezas que a cada leitor cabe descobrir e admirar.

É pois a própria novela que vai apresentar a escritora. A escritora mais moça do Brasil” (Anibal Machado).

Uma edição da Livraria
José Olympio Editora

ORFEU

Revista Literária sob a
direção de:

FRED PINHEIRO

e

FERNANDO FERREIRA

Conselho consultivo:

LÊDO IVO

DARCY DAMASCENO

e

BERNARDO GERSEN

Sal em cada estação do ano

Correspondência para Fernan-
do Ferreira — Rua S. Luis
Gonzaga, 419 — Dist. Federal.

Exemplar Avulso: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual: Cr\$ 20,00

POESIAS

de Antônio Rangel Bandeira

O célebre escritor espanhol Ramon Gomez de la Serna atualmente em Buenos Aires, assim se manifestou sobre as “Poesias”, de Antônio Rangel Bandeira: “poesias tan modernas e tan llenas de nuevos rompimientos de luz poética”.

Edição “O Cruzeiro”

POEMAS

de DARCY DAMASCENO

“Mestre do conceito de síntese camoneana, é um experimenter autodidata, mas Davinciano de conceitos atuais, a uns e outros atravessando com a indução, ou melhor, a *self-indução* duma potencialidade poética bem capaz de esvaziar represas e as jogar em chuva sobre desertos que florescerão.” (José Geraldo Vieira).

EDIÇÃO PONGETTI

ORFEU

PRIMAVERA DE 1947

No. 1

DENTRO do sentido dinâmico que configura as atividades da inteligência no território da arte e da cultura, ORFEU aparece, reunindo colaborações de jovens escritores e artistas brasileiros, muitos dos quais ainda completamente desconhecidos até mesmo pelos seus companheiros de geração.

Acreditamos muito pouco na importância que se concede às gerações, e ao seu sentido de reconstrução e reaparelhamento literário. Sabemos que, atrás dos agrupamentos, se oculta a única coisa que salva o efêmero dos movimentos coletivos: a contribuição pessoal, que guarda e reflete o pensamento comum.

Em ORFEU colaborarão jovens de tôdas as tendências ou zonas geográficas, desde que possuam as corajosas imperfeições da juventude e o frêmito de ter uma mensagem a comunicar.

É inútil ignorar que novas presenças estão surgindo, na poesia, no ensaio, no romance e nas artes plásticas, e serão elas as continuadoras do movimento ainda precário da inteligência brasileira. A essas vozes novas não poderiam deixar de corresponder revistas como esta.

Uma geração só começa a existir no dia em que não acredita nos que a precederam, e só existe realmente no dia em que deixam de acreditar nela. O modernismo e o post-modernismo, que fixam o maior período de densidade, pesquisa e criação já atingidos no Brasil, comprovam hoje a existência de um novo movimento cultural, ainda incerto em sua significação e em seus objetivos.

Essa incerteza somos nós. O tempo não nos construiu ainda, ignoramos o que seremos — é a vertigem de vir a ser que nos tenta e nos congrega.

Nosso programa resume-se em apresentar aos que porventura nos lerem alguns nomes que não se explicam, mas "acontecem", como fatos normais da vida e do tempo.

Somos novos. E isso nos basta como uma certeza, porque nos define. Em uma revista de novos, não se pode exhibir um espírito já perfeitamente formado, o esplendor de si mesmo, a gostosa suficiência do que se chama vulgarmente de "figura literária". Enquanto formos novos, seremos inacabados.

As gerações se sucedem normalmente, como os dias e as noites. Nessa encruzilhada é que nos situamos: insatisfeitos com os que vieram antes, e procurando fixar em nossa mensagem alguma coisa que é ainda intraduzível, quase informulável. Esse algo que buscamos transmitir, como uma interpretação do mundo e uma explicação para as nossas vidas, é o que justifica o aparecimento de ORFEU.

É à descoberta e à invenção que aspiramos, unidos nesse programa de criação artística, e infinitamente separados nos métodos de executá-lo.

Colaborações para Orfeu

No sentido de apresentar constantemente por suas páginas valores novos, "ORFEU" receberá com simpatia e interesse toda colaboração de jovens escritores e artistas do país. Os trabalhos devem revestir um cunho o mais possível pessoal e realmente artístico, para que "ORFEU" tenha o prazer de revelar valores de fato significativos da geração de vinte anos.

INTRODUÇÃO A ANTOINE DE SAINT-EXUPERY

LÊDO IVO

No processo de reajustamento literário que o tempo costuma realizar em tôrno dos escritores tragados pela morte, a figura de Antoine de Saint-Exupery só tem a lucrar; o homem e a obra, que nêle foram uma unidade simples e infinita, asseguram a aceitação de sua personalidade como uma das mais altas expressões dêste século. O fascínio pessoal que êle exerce através de um poderoso sentimento de simpatia, contribui ainda mais para consolidar as confluências intelectuais e humanas que lhe dão um amplo sentido de dignidade e de grandeza.

Aviador, Antoine de Saint-Exupery, que alguém observou possuir um nome de cavaleiro do Santo Graal — corresponde à idéia de heroísmo que se pode conceber neste século. Nascido justamente em 1900, como um símbolo, dir-se-ia que com êle amanheceu alguma coisa de raro, de precioso, de exemplar. Voar, não foi para êle uma aventura, mas um dever, a execução cotidiana de uma tarefa. Enquanto em grandes expressões da inteligência francesa apontavam as marcas do desequilíbrio de um mundo sem direções, Exupery soube sustentar em suas mãos que governavam aviões a rosa do intelecto e do coração. Enquanto muitos, como Valery, dormaram suas paixões e fizeram-se grandes em um isolamento construído, à brisa fabricada de seus versos, Antoine de Saint-Exupery se domou e se construiu em plena ação, trabalhando para dar à aeronáutica civil dos nossos dias o sentido de cotidiano nas relações humanas que lhe faltava. Juntamente com outros aviadores cômicos de seu "métier", êle se aplicou em aproximar seres humanos, em transportar correspondência entre a Europa, a África e a América.

Esse trabalho profissional, tão poderosamente espelhado nas obras-primas que constituem sua obra literária, vai colocá-lo entre os homens mais importantes e representativos dêste século. Uma baía da África chama-se Baía de Saint-Exupery. Sua contribuição ao aperfeiçoamento técnico da aviação se concretiza em várias descobertas notáveis, de uma utilidade espantosa; considerado como um dos maiores gênios matemáticos contemporâneos, Exupery se limitava a exercer uma carreira na qual cada minuto vivia de si mesmo, consumindo-se em sua beleza como uma rosa, na normalidade de sua constante tensão aventureira.

Fazendo questão de declarar-se apenas um aviador e não um literato, Antoine de Saint-Exupery realizou uma obra literária admirável pela sua crescente vitalidade, pela sua lucidez, pelo

seu movimento amplo e desdobrado como o de uma ode. Dêle, podemos dizer que não lutou com os complexos que tornam tão mesquinha a vida humana. Foi um homem sadio, que sabia voar, sabia escrever, sabia viver na solidão do deserto e dela extrair uma das mais belas histórias infantis de todos os tempos, sabia descer em uma cidade desconhecida e olhar as moças que depois se casariam com imbecis, sabia cumprir os seus deveres de funcionário de uma companhia de aviação comercial.

E' precisamente o espetáculo das paixões domadas o que concede um fascínio surpreendente aos livros de Ex. Perto dêle, os maiores escritores franceses têm o ar de doentes, de homens perseguidos pelas sarças do céu, de espelhos da miséria de nossa condição humana. Saint-Exupery, para quem o céu foi uma grande residência em constante movimento, era um homem sem angústias, sem tormentos, que nas grandes alturas colhia simultaneamente a visão do céu e da terra. Escritor saudável, êle soube sorrir, sem sarcasmo algum, antes com o seu riso ainda hoje evocado por todos quantos o conheceram. Se a sua vida pessoal nos oferece um exemplo de equilíbrio e coerência, é sua obra que atesta, em termos de mensagem, essa cordialidade viril que o caracterizou. E' possível que muitos considerem a obra de Saint-Exupery um pouco feminina, desde o estilo até o modo de observar as coisas, vendo-as realmente, em sua totalidade e em seu segredo, e colhendo a sua esquiva sugestão. Entretanto, o que mais impõe êsse julgamento é a ininterrupta corrente lírica que a vincula. Saint-Exupery foi um poeta, que escreveu livros simbólicos — um romance, uma epopéia, a história de um pequeno príncipe e sua rosa, uma mensagem de guerra, o relato de uma aventura.

Dizer que êle foi um homem completo, que se nutria de sua totalidade para "ser", representa decerto a melhor imagem de sua figura, que impressiona pela sua humana autenticidade, realizada em uma obra construída ao ritmo de seu próprio sangue e de sua própria alma, e onde foram introduzidos os incontáveis segredos aprendidos em sua experiência com a face pura da ação, com as estrélas e os ventos, o mar e o deserto, os aeroportos e o perigo.

E é essa totalidade que assegura sua permanência no espírito do mundo. Êsse arcanjo que testemunhava virilmente sua intimidade com o céu e seu conhecimento dos dramas terrestres, e advogava a primazia do Homem sobre o indivíduo, conhecido através dos livros que nos legou, suscita em nós uma emoção não experimentada facilmente, mas sugere que a palavra e a ação, unidas como o cálice e as pétalas de uma rosa, se nutrem da terra e no entretanto se situam na maior altura já conquistada, como cidadão, por um poeta moderno: a altura que o viu desaparecer, encerrando com um pouco de mistério uma existência que, mesmo quando sulcava os céus escuros, não carecia de lucidez, de clareza e de sorriso.

Primeiras considerações sôbre o contista Dalton Trevisan

WILSON MARTINS

E' possível encontrar no contista Dalton Trevisan as peculiaridades daquela "família Mansfield" cujos caracteres diferenciais foram um dia estudados pelo Sr. Álvaro Lins; mas é que a "construção" do conto mansfieldeano, e mesmo a "atitude" que Katherine Mansfield mantinha perante os temas, perante a vida, estão hoje incorporados à técnica literária, não apenas como o sinal que um escritor deixou um dia de sua passagem sôbre a terra, mas também como um sistema de realização que hoje pertence à comunidade. Diz-se, mesmo, que as idéias, uma vez expostas, deixam de ser individuais para pertencer a todos: e se isso não é rigorosamente exato com as idéias pròpriamente ditas, está perto da verdade com respeito à maneira de traduzir em linguagem literária os temas que a vida nos oferece.

E tanto isso é assim que ninguém se lembrou de criar uma "família Maupassant" para adotar os contistas da maneira clássica: o contista narrador e dialogador direto, o contista que realmente "conta" um caso da maneira aparentemente menos literária possível. São, entretanto, os dois grandes modelos do conto universal: entre a "família Maupassant" e a "família Mansfield" os contistas se dividem, com maior ou menor fidelidade, ainda que os mansfieldeanos se tenham aproveitado das antecipações técnicas que Kathe genialmente adiantou ao seu tempo.

Dizer-se, portanto, que o Sr. Dalton Trevisan (de quem acabo de ler os originais de um novo livro) pertence à família Mansfield não significa incluí-lo numa espécie de sub-grupo de valor duvidoso e o qual, por isso mesmo, todos têm o direito de desprezar um pouco: se foi essa a intenção do primeiro catalogador da corrente entre nós, o Sr. Valdemar Cavalcanti, pode-se afirmar, sem hesitação, que ela se aplica sòmente aos que não possuem valor literário "du tout" — aos que, numa "família" ou noutra, seriam sempre os de segunda categoria. Porque as inovações técnicas de Katherine Mansfield, como as de Joyce ou de Proust, como se disse acima, marcaram um progresso na arte literária e por isso já não lhes pertencem exclusivamente mas a todos os que fazem da arte literária o seu meio de expressão.

Esclarecida essa questão técnica, podemos comprovar o acêrto das considerações expendidas justamente com o exame dos contos do Sr. Dalton Trevisan. Porque afora a maneira de tratar os temas, e também, sem dúvida, a curiosidade quase doentia com que se debruça para estudar a alma do homem, o Sr. Dalton Trevisan não possui outros parentescos com a contista de Bliss.

O que significa que, apesar das aparências, êle soube ou pôde conservar a personalidade — primeira e essencial virtude do escritor.

A humanidade dos contos do Sr. Dalton Trevisan é a dos pequenos e humildes, quase sempre um pouco frustrados: desde o Luís Carlos S. dos Reis dêsse grande conto que se chama "Eucaristia, a de olhos doces" até aos personagens de "Um jantar", passando por todos os outros, os suicidas e assassinos, os que realizam o mal e o bem como uma imposição de que não se podem livrar, os condenados pela doença, os recalçados... E' notável a fascinação que essa fauna exerce sôbre o contista: e tudo exclusiva e rigorosamente debaixo de um interêsse de análise psicológica, de conhecimento do homem, pois o Sr. Dalton Trevisan não é político, ou, pelo menos, não pretende fazer de sua arte um veículo de intenções políticas. No que está certo mais uma vez, dentro das novas e salutares tendências que já se podem observar na literatura brasileira depois dos delírios mais ou menos inocentes e pueris da "arte interessada". A qual, é necessário esclarecer, não passava de um jôgo de palavras, com maior ou menor boa fé: porque tôda a arte, como tudo o que o homem faz, é interessada: só que, no caso, o seu legítimo interêsse é o do conhecimento do homem e não o da popularização de um partido...

E, se não se pode dizer que dos contos do Sr. Dalton Trevisan resulte uma imagem completa do Homem, é indiscutível que por êles ficamos conhecendo melhor o homem, isto é, o personagem, o tipo que êle nos revela através dos seus gestos, dos seus pensamentos, de suas reações, num seguro tratamento da técnica expressionista. Porque nesse contista não há nada que se assemelhe a uma descrição, a um esclarecimento, a uma intervenção do autor: o personagem é apresentado por si mesmo, ou antes, apresenta-se por si mesmo, e nós o vamos conhecendo à medida que podemos observar a sua concepção do mundo, as suas fraquezas, os seus sofrimentos, o pequenino mistério da vida de cada um.

Será absurdo dizer agora que das vidas frustradas dessa humanidade a quem o destino enganou desprende-se continuamente uma luz suave de poesia, que apesar de tudo as engrandece e as impõe à nossa simpatia? O que não deixa de ser um novo problema que a personalidade do Sr. Dalton Trevisan nos propõe: autor que ainda não realizou, no plano dos poemas, nenhuma poesia apreciável, e cujos contos flutuam, entretanto, numa indisfarçável atmosfera poética, como se êle nos quisesse fazer sentir que além da miséria dessas vidas que nos apresenta existe alguma coisa de mais alto ou de mais fundo, que justificasse a existência do homem. Não sei se o próprio contista terá observado essa ilação que se pode tirar dos seus trabalhos: mas qualquer leitor sente, ao seu contacto, que aquelas vidas não terminarão ali, que existe além delas um mistério que o próprio contista possivelmente não poderá decifrar, e que será a chave

com que poderíamos obter o esclarecimento definitivo. Porque o mistério dessas vidas existe: o Sr. Dalton Trevisan não é tão ingênuo que pretendesse nos oferecer uma explicação do homem. Ele no-lo apresenta: e sabe, ou se não sabe adivinha, que a interpretação só se poderá fazer com a posse de um dado de que os próprios homens não podem dispor. Cria-se, assim, a atmosfera de mistério, um pouco angustiosa mas verídica: a mesma atmosfera de Kafka, em quem também sentimos fundamente essa idéia de que a vida humana só se poderá esclarecer e interpretar com o auxílio de alguma coisa que justamente falta à vida humana...

Não tenho dúvidas de que, se o Sr. Dalton Trevisan já agora é um dos grandes contistas da literatura brasileira moderna, sua arte literária ainda se aperfeiçoará com o amadurecimento de sua personalidade. Pois esse é um valor que não se adquire quando se quer, mas quando ele se apresenta: o tempo. O ficcionista não pode dispensá-lo, porque é do conhecimento do homem e da vida que vive a sua arte. À medida que o ficcionista encontra mais fundo dentro de si mesmo, mais fundo ele pode atingir nas suas prospecções. Pensando nisso é que coloco a arte do Sr. Dalton Trevisan num dos vértices da moderna literatura brasileira: porque se com os seus primeiros trabalhos ele foi tão longe, tudo se poderá esperar e exigir d'ele quando o mundo enriquecê-lo com a sua parcela de experiências, de sofrimentos e de alegrias.

A menos que a própria vida não nos surpreenda e faça do Sr. Dalton Trevisan nada mais que um menino prodígio.



Pensamento poético

PAULO MENDES CAMPOS

A pessoa que desejasse estudar um poeta nosso, em quase todos os casos, teria não só que fazer tudo por si, como deveria esclarecer os mal entendidos que juízos críticos levianos foram aglutinando em torno de cada nome de nossa literatura.

Poderiam replicar que apenas "certa revisão", em qualquer literatura, justifica uma nova crítica. O que seria procedente.

Não nos referimos entretanto, aos valores "revisionáveis", e sim aos valores positivos. Podemos imaginar perfeitamente uma completa revisão de La Fontaine, ou seja, uma crítica que o revelasse de maneira inédita, porém, esta crítica, por força, seria obrigada a respeitar o que há de pesquisa objetiva na obra de La Fontaine, sua linguagem, suas ligações, sua influência etc. Entre nós, pelo contrário, são essas investigações práticas que precisam ser realizadas. E o pior nos raros casos em que dispomos desses estudos, eles não são suficientemente difundidos, e, em razão disto, quem deles se serve, se vê obrigado a falar uma linguagem crítica desentendida por quase todos. É justamente pela sua função social dentro da literatura que a crítica vale e sem dúvida, é mais importante para as letras de um país uma boa educação crítica geral do que uma crítica fora do comum.

No Brasil é fácil ver que necessitamos menos de críticos judiciosos do que de uma compreensão genérica dos métodos, dos recursos, da importância e do conceito de crítica.

Quando procuramos ler o que há sobre um poeta brasileiro, com poucas exceções, não encontramos mais do que uma única "fórmula" de fazer artigos desenvolvida em graus diversos de erudição e habilidade expositiva. A "fórmula" nos informa se o poeta era otimista ou pessimista, se amava a espécie humana ou não amava, se era tímido porém expansivo, ou se era expansivo porém tímido, se a dor possuía para ele um significado transcendente, se acreditava ou não em Deus e em um mundo melhor, se a felicidade para ele era isto ou aquilo, e informa ainda sobre seus conceitos de arte, de beleza, de amor, colocando-lhe no final um rótulo: poeta da morte, poeta da solidão, poeta da angústia, etc., etc. A crítica se transforma numa entrevista apócrifa e desinteressante, porque feita por terceiros e por tratar de coisas sobre as quais muito pouca gente tem conceitos úteis, ponderáveis.

Isto nos coloca diante de uma pergunta: não tem importância o que o poeta exprimiu como pensamento, o significado das "idéias" de seus versos? Tem, é claro, num plano, entretanto, muito menos relevante do que se considera comumente, e de acordo com deter-

minadas condições que precisam ser admitidas. O “pensamento poético”, ensina-o a compreensão da poesia, é importante como poesia, ou seja, vale por uma certa tonalidade de expressão, pelo ritmo, pela imagem, por tudo afinal que caracteriza a “expressão poética”. Quando um verso exprime um pensamento importante independente de sua forma poética, a poesia fatalmente foi prejudicada.

As máximas de La Rochefoucauld têm uma forma bela, mas não têm forma poética. A forma é que permitiu a expressão do pensamento mas este tem importância por si mesmo. O “pensamento poético”, pelo contrário, é indestrinçável do seu meio de expressão. Só tem importância — uma misteriosa importância — dentro de sua forma poética. Querer separá-lo dessa forma é querer separar a alma do corpo: a alma é que merece o nosso respeito, mas, neste mundo, alma sem corpo é fantasma.

Justamente, são fantasmas o que criam êsses valorizadores do pensamento poético independente da expressão poética. São os “crentes” da poesia, os que dão um valor objetivo (eu ia dizer prosaico) ao que o poeta procurou exprimir em seus poemas.

O singular é que os “crentes” da poesia nunca procuram os poetas claros, e sim os mais obscuros. Como Rilke, exemplo típico. Há hoje no mundo uma religião de Rilke: os exegetas explicam seus poemas como se falassem de um texto sagrado.

Ganha a obra de Rilke com isto? Apenas em prestígio... o valor verdadeiramente poético de seus versos não se exalta com tais interpretações.

Muito se explica também a obra de Mallarmé. Porém, é de todo diferente. O exegeta honesto, que conheça e respeite o que o próprio Mallarmé dizia sobre seus poemas só pode interpretá-los como texto artístico, jamais como texto sagrado, filosófico ou profético. Podemos sentir tudo isto, mas devemos senti-lo com precaução. Mallarmé criou uma filosofia da composição: Rilke quis criar uma metafísica poética. Um poema de Mallarmé pretende ser verdade como poesia: um poema de Rilke pretende ser Verdade, traduzível no castelhano mais desleixado. Na obscuridade de Mallarmé, procuremos a pureza poética. Na obscuridade de Rilke, também encontramos pureza poética, mas nem ele nem os “crentes” contentaram-se com isto: querem ver mais, querem ver uma decifração do mistério, vidências, profecias.

Essa atitude anti-rilkeana não significa um desmentido ao “pensamento poético”, uma negação de sua existência. Não: a poesia tem conceitos, tem raciocínios, tem conclusões, entretanto, justamente por ser poesia, não podemos aceitar isto em outra língua que não seja a poética. O “pensamento poético” é um luxo dos que apreendem sem sentir a necessidade de traduzí-lo, ou transformá-lo em noção filosófica. A poesia é, de certo modo, uma forma delicada de pensar. Erigir, porém, o “pensamento poético” em verdade corrente é negar a importância da poesia.

Garcilaso, fonte pura e ausente

DARCY DAMASCENO

Volto ainda uma vez a Garcilaso, e é o retôrno a uma região de paz, de alta serenidade, de equilíbrio e solidão. Volto a essa fonte límpida e constante, escorrendo à entrada do século XVI, simples e ausente, como se a paisagem circundante não contasse; como se sua função não fôsse outra que escorrer, múrmura e cristalina. Dessa fonte fluem águas que serão rios depois, revoltos e reverberantes, ou estuários amplos e tranqüilos

Recriador espanhol, juntamente com Boscán, dos procedimentos poéticos italianos, Garcilaso é o ponto de partida de tôda aquela agitação espanholamente lírica do século, onde se alargam caudais increspados, refulgentes e profundos, como o gongorismo, e serenos remansos onde a água se esquece, na reminiscência de sua origem.

Quando a ânsia de importar da cultura italiana, renascentista, valores até então desconhecidos favorece o artificialismo inicial, pela superposição de elementos exóticos ao lirismo secular, Garcilaso de la Vega dá, na Espanha, a justa medida do que deveria ser o processo de adaptação de valores, buscando em sua obra o equilíbrio entre o universal e o nacional — aquêle, pelo sentimento; êste, pela língua. Daí haver plantado na poesia castelhana o vigamento italiano, mas tendo a arte de revesti-lo de matéria típica, genuína. Enriquece-se a lírica espanhola com novas formas, que de modo algum matam ou lançam a segundo plano os metros tradicionais da poesia anônima, e ao mesmo tempo se processa uma experiência lingüística reconhecidamente útil, pela inntrodução de novos elementos românicos especialmente, na língua erudita.

Dos introdutores renascentistas, quer em Espanha, França ou Portugal, Garcilaso de la Vega é, talvez, o mais bem sucedido, pela sobriedade e naturalidade com que se apresenta. Aquela serenidade clássica, de novo buscada pelo renascimento italiano, era seu ideal estético; a descoberta do movimento de renovação não foi senão o encontro do clima em que poderia Garcilaso vir a realizar-se. Por isso encontramos em sua poesia a constante universal: Garcilaso será um legítimo clássico de qualquer época, pelo equilíbrio de sua vida artística; sua pátria. a língua nativa.

Seu mérito está no trabalho discreto e honesto pela elevação da língua espanhola à expressão do ideal clássicos, e o consegue mediante acurada norma seletiva, procurando formar, para sua poesia, um acervo de termos "no nuevos ni desusados de la gen-

te”, mas ao mesmo tempo “muy contesanos y muy admitidos de los buenos oídos”. Ora, nada mais próximo das fontes populares genuínas, donde a facilidade com que a poesia espanhola bifurcou-se, prosseguindo no leito tradicional e canalizando-se pelo classicismo, com todo o substrato nacional, patente sob a elegância e a sobriedade renascentista. Se alguns escritores falsamente talentosos levaram a língua a experiências infelizes, com exagerado **cultismo**, poucas décadas após Garcilaso nova preocupação viria, esta, no sentido de conseguir a união dos dois ramos explorados, o que, aliás, coube a Lope de Vega, clássico e realista, universal e tipicamente espanhol.

Graças àquela norma seletiva, como observa Pidal, a língua de Garcilaso reveste êsse ar de elegância perdurável, êsse sabôr de modernidade para tôdas as épocas, devido à atinada escolha do mais usual, do mais popular, do mais natural, que ao fim é o mais permanente no idioma, o mais subtraído aos influxos efêmeros da moda.

* * *

Condenam em Garcilaso o desinterêsse pelos motivos líricos tradicionais, aquêles mesmos que alimentaram vários séculos de poesia anônima, continuando a par do classicismo e que hoje, ora em sua índole natural, ora estilizado, segue alimentando a poesia espanhola. Passados os primeiros excessos renascentistas, alguns grandes artistas procuraram estabelecer um equilíbrio entre o conteúdo universal e o nacional: Camões, Lope de Vega e Cervantes são exemplos típicos. Nêles, a temática da época é explorada com a mesma segurança, com a mesma profundidade, com a mesma perfeição que a tradicional; igualmente, com os novos metros e os populares, conforme redondilhas, romances e glosas a cantares viejos, motes, vilancetes, etc., fartos na lírica de Lope e na camoneana.

Penso que a solidão de Garcilaso de la Vega, o alheamento permanente, a ânsia de evadir-se para o mundo interior explicam êsse rompimento com o lirismo popular, rompimento não integral, pois a língua popular será também seu instrumento, como vimos acima. Incarnação da tendência para o universal, por isso mesmo constituindo um fenômeno na literatura pátria, o poeta vai solitário entre os homens, quer na côrte ou nos campos de batalha, como êle escreve:

Yo como conducido mercenario
voy do fortuna a mi pesar me envía

.....
Sé que aun allí no podré estar seguro;
Así diverso entre contrarios muero.

Nas canções e, especialmente, na Elegia Primeira, encontramos bem expressa a poesia de Garcilaso e seu sentido da vida.

Uma atitude de estoicismo e altaneria ante o destino, a imagem do homem de pé diante dos fados, sabendo-os prestes a se abaterem sobre êle, posição que lembra a de Vigny, três séculos depois...

**Porque al fuerte varón no se consiente
no resistir los casos de fortuna
con firme rostro y corazón valiente.**

Ao mesmo tempo, um desencanto sem limites, mas antes voltado para dentro, donde o desdém por tudo e por todos, o alheamento, a abstração ao mundo exterior, que o faz ir pela vida solitário e ausente, embora homem das armas, capitán andariego, fidalgo de bom acolhimento nos paços imperiais. Os trinta e oito sonetos que nos ficaram do poeta são altamente significativos dessa contradição entre a vida interior e a vida exterior. A feição de canção lírico de tão reduzido número de sonetos merecerá estudo posterior.

Pois êsse homem, hábil no terçar armas e no montar, cuja vida — curta vida! — se expôs nos campos de batalha por muito leal e dedicada ao imperador, por êle ceifando-se, — êsse homem jamais emprestará seu canto às guerras, e quando alude a elas é sempre com uma nota desencantada, sem aquêl entusiasmo participante encontradiço em nosso Camões, por exemplo...

**A quién ya de nosotros el eceso
de guerras, de peligros y destierro
no toca, y no ha cansado el gran proceso?
Quién no vió despacir su sangre al hierro
del enemigo? Quién no vió su vida
perder mil veces y escapar por yerro?
.....
Qué se saca de aquesto? Alguna gloria?
Algunos premios o agradecimientos?
Sabrálo quien leyere nuestra historia.**

Antes, romântico dentro do classicismo, aparecerá sob algum balcão toledano

cargado a ti de flores y oleroso.

Um dia, caído em desgraça, uma ordem real o exila para longe de Toledo. Que reacções se produziriam no íntimo de Garcilaso? Até que ponto poderia abalá-lo o abandono da pátria, do convívio dos raros amigos, o afastamento de tudo aquilo que era, afinal, o elo ténue ligando seu mundo interior à realidade mais próxima?

Exilado voluntário, eterno ausente, o destêrro do corpo seria, talvez, em boa hora advindo. Não se rebela, consumada a ordem imperial, apesar de a princípio tentar obter sua revogação.

Pelo menos, a lembrança dêsse tempo trará um lastro antes melancólico: é a contemplação do "Danubio, río divino, que por fieras naciones" vai com "claras aguas discurriendo", levando pensamentos para alguma "tierra ajena" onde se enterrem "en la desierta arena".

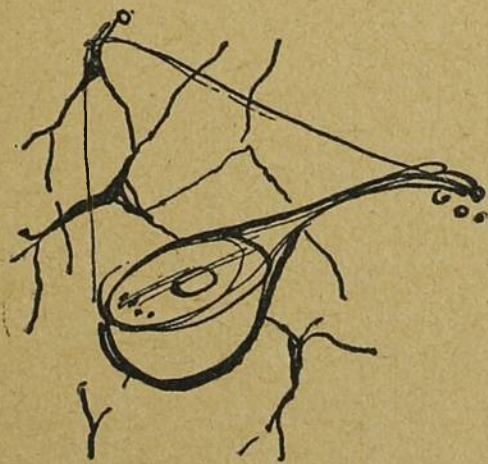
Não só na Canção Terceira, onde relembra o sítio de exílio,

**do siempre primavera
parece en la verdura
sembrada de las flores**

mas em muitas outras passagens de seus poemas Garcilaso voltará à água, a um rio antigo, ao Tejo de "áspera estrechez", ao Tormes que espelhou seus momentos de serenidade, de paz interior; voltará ao Danúbio deslizando

**con manso ruido
de agua corriente y clara**

e às fontes da adolescência, sempre buscadas. Daí, talvez, a constância líquida de sua poesia, a fluidez vocabular, essa sugestão de fonte, límpida e constante, escorrendo à entrada do século espanholamente lírico, e da qual virão, avançado o tempo, os rios gongórico e barroco, os amplos remansos místicos, em cujas profundezas há tanta agitação...



O BARDO LÊDO IVO

BERNARDO GERSEN

Se há alguém que nasceu para a coisa, se é verdade que o autêntico poeta não se faz mas já nasce, — êsse alguém, êsse autêntico poeta chama-se Lêdo Ivo”, disse-nos certa vez em conversa, o escritor Aurélio Buarque de Holanda. Lembrei-me dessa frase ao ler AS ALIANÇAS (Agir Editora), romance de estréia dêsse poeta nato. A crítica foi quase unânime em acentuá-lo: êssas páginas de romance evidenciam a presença indomável de um poeta. De propósito emprego a palavra indomável; porque escrevendo crônicas, compondo contos, elaborando ensaios, aventurando-se nos terrenos do romance, Lêdo Ivo permanece antes de tudo poeta. E’ um elogio ou uma restrição? Depende do ponto de vista literário pelo qual seja a frase encarada. Muitas das suas crônicas e contos, líricos e ensolorados, valem por verdadeiros poemas em prosa. Algo parecido sucede com AS ALIANÇAS: poderia transcrever inumeráveis poemas dêsse romance sem mudar a disposição de uma só virgula. Citaria como exemplos a noite de núpcias, Jandira correndo pelo jardim com os cabelos ao vento, ébria de euforias; citaria as reminiscências de infância da mesma personagem; ou a cena final da reconciliação em torno dos lírios. São páginas plenas de exaltação íntima, escritas principalmente pelo poeta. Isto é, resultantes sobretudo da inflamada imaginação do autor, dos seus jôrros poéticos, dos seus transbordamentos líricos, da sua ferida sensibilidade. Lêdo Ivo, quando escreve, guia-se quase inteiramente pela sua intuição poética, pela sua divinação lírica, pela sua opulenta imaginação. Invejáveis qualidades, sem dúvida as mais indispensáveis ao artista: mas o romance exige algo mais. As possíveis deficiências do seu romance vêm menos da natureza do autor, do que das diversas circunstâncias por assim dizer exteriores, como idade, amadurecimento humano através do contacto com a vida, uma coleção de experiências, etc. AS ALIANÇAS constituem fascinante leitura, mas Lêdo Ivo não poderia superar-se a si mesmo, suprir certos requisitos concedidos apenas pelo tempo e pelas experiências. Constitui truismo dizer que são suscetíveis grandes poetas de vinte anos, como o próprio Lêdo Ivo o demonstra, e o atestam os numerosos exemplos da história literária de todos os países, — enquanto os grandes romancistas só se realizam após os trinta anos. Pois para o Romance não basta imaginação: — é preciso também serena inteligência; não basta intuição poética — é indispensável inclusive “observação artística”, cultura assimilada; não é suficiente a divinação lírica, é necessário “memória” um patrimônio de reminiscências e emoções, enfim amadurecimento interior. As remi-

niscências, as emoções, a experiência que porventura Lêdo Ivo põe em jôgo nesse romance afiguraram-se-nos não se haverem, por assim dizer, desprendido dêle próprio para que possa contemplá-las de fora. Dir-se-ia que ainda se encontra excessivamente interessado nelas para que lhe permitam libertação e transfiguração artística. A personalidade, enfim, que atua, ainda não foi ultrapassada. Sem pretendê-lo uma regra, que em literatura não há regras, diria que o Romancista encara a vida do fim para o início, "recupera" a vida nos seus romances — enquanto Lêdo Ivo a encara por antecipação, procura "conquistar" a vida através do romance. Objetar-se-ia, possivelmente, que êsse é um conceito de romance meio antiquado. O gênero ganhou tamanha elasticidade, sofreu tantas subversões que quaisquer conceitos parecem inúteis e é preferível usar os romancistas como conceitos do que aplicar conceitos aos romancistas. Modernamente, temos o romance poético, dir-se-á, com Virginia Woolf, Rosamond Lehman, Alain Fournier, etc. Sem dúvida: mas os impulsos líricos, as qualidades puramente espontâneas e imaginativas surgem nos seus romances sempre dominados pela serena disciplina dos conhecedores do ofício, criando em literaturas de longa tradição, em países em que até o estreante já vêm para as letras com certos predicados de "composição" e serenidade diante do cáos interior, como observou certo crítico. A cultura e a razão crítica dêesses autores, mais qualquer profundo senso de experiência vital, servem-lhes de contrapeso às fôrças dionisiacas. O que nem sempre acontece com Lêdo Ivo. O autor de ODE E ELEGIA é antes de tudo um poeta, um trovador, um bardo à admirável moda antiga — e mais do que nunca necessitamos hoje de bardos que purifiquem os ares e nos ajudem a respirar. Um bardo como os há poucos no nosso mundo, que o dinheiro e a máquina os baniram quase todos, cantando os vinhos do amor, os sentimentos do homem só, o murchar dos lírios da infância, o florescer dos cravos da adolescência, a permanente beleza dos momentos aparentemente fugazes, a "imaginária janela aberta", os olhos da namorada... Êle sabe desentranhar o belo de onde todos nós vemos apenas o banal e o vulgar:

Pensa nos teus irmãos, em tua casa aos domingos
e no pátio dos colégios onde acordaste para o nunca mais.
Pensa nas vezes em que passeaste sôzinho pelos campos
e te voltaste para trás, na esperança de que uma mulher te
[seguisse.

Pensa nas moças inacessíveis da tua rua antiga

Êle enxerga o dramático e por vêzes o trágico por detrás do monótono cotidiano:

Pensa nas janelas do interior, cujo maior desejo é abrirem-se
[diante do mar

e no olhar das crianças abandonadas ao amanhecer na roda dos
[asilos.

Pensa nas parturientes mortas nas mesas dos hospitais
longe dos maridos que não as amavam, e desejaram em segredo
[sua desapareição.

Pensa nos cães repelentes levados nas carrocinhas (...)

Implicará, de algum modo, essa minha preferência pelo poeta no desdém pelo romancista? Absolutamente. AS ALIANÇAS qualquer escritor da nova geração e muito escritor das gerações mais antigas se orgulhariam de assinar. Significa isso, pôr acaso, que Lêdo Ivo não deveria ter escrito êste romance, "guardando-o" para depois? De forma alguma. Com a experiência literária haurida na elaboração dêste e com as experiências humanas bebidas no tempo, escreverá depois um grande romance, o grande romance que todos esperamos.



Desenho de ANÍSIO MEDEIROS

TRÊS SONETOS

Para Manuel Bandeira.

I

*R*OSAS de um tempo não mais meu.
Epiléticas, sangraram-se em crepúsculos,
Num sonho de montes em aclives,
Quando mais de mim necessitava a meninice.

*Nem fugi das horas imperdoáveis.
Nem fugiram elas ao meu esquivo peito,
Já de nascença à sua fatal espera,
Que de esperar me não canso nunca...*

*Vi-as pelos jardins, pendidas ao vento,
Num préstimo de enfeite horrendo sempre,
Mas co'a lembrança fria de outras auroras.*

*Possa, pois, eu cuidar de sempre servi-las,
Que mais não possam elas a mim melhor servirem,
Juntas a êste chão de tão inúteis primaveras...*

II

*N*ÃO cuido de achar na vida um bem apenas meu,
Se a vida se reparte como o pão, como a chuva.
Os fracassos curto-os no silêncio cúmplice,
Com o que me forro do ridículo da humana gente.

*Eu desejaria ser sóbrio, econômico e honesto.
Sem pretensões, estúpido ou louco de todo o gênero.
Minha fadiga afinal se daria bem comigo
E, em verdade, eu seria santo, talvez mendigo.*

*Porque se Mário, em tempo idos, fôra trezentos,
Um só tenho sido eu no martírio das horas,
E nem sequer me encontro, perdido que estou*

*Por entre mim insubmisso e tão pouco vário,
Triste a não mais poder, velho senão moço,
Rico, no entanto pobre, SÓ como um desprêzo...*

III

CONTIGO minha morte, aliás sem importância.
Nenhuma sensação de cadáver nos sentidos.
Lembra-te sòmente, filho, dos últimos momentos:
A respiração, aos poucos, cede a uma vida maior.

Te deixarei, depois, no cabide, êste fato incômodo
— Lembrança do primeiro e último casamento —
O relógio de bolso inda trabalhando — dá-lhe corda!
O retrato de minha mãe, êste sapato, aquêle chapéu.

Te deixarei ainda esta tradição de pequeninos gestos,
Alguns cacoêtes, que todos temos, pois não? — Um sistêma,
Poucos, bem poucos conselhos também sem importância...

Nada disso, porém, dura muito ou enche um selamim.
De mim restaria afinal alguma beleza, alguma solidão?
— Nem sei, irmão. Talvez a idéia de que sejas túmulo também...

DANTAS MOTTA.

CARMENCITA

Conto de FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

DESCIA a escada vagorosamente. Engolia o tempo. Pisei o último degrau. daquelas filas nas portas dos elevadores vieram até mim alguns olhares curiosos, um tanto hesitantes, a mirarem-me de cima a baixo. Passei o olhar em redor, — o Cid só chegava às 11 horas — era inútil esperá-lo àquela hora. Depois que publicou o romance, o seu nome começou a ser citado por todos os escritores, aos domingos, nos suplementos literários. Não parava um momento sequer na redação. Era Cid para cá, Cid para lá. Fulano de tal de São Paulo elogiando-o muito, esperando receber em troca êsses mesmos elogios, com juro compostos para o seu livro de poemas, a sair por aquêles dias. Telefonemas, cartas de jornais e revistas pedindo-lhe colaborações.

Agora sob meus pés tinha o asfalto ainda molhado pelos chiscos da manhã. Resolvi entrar num daqueles bares, pedir qualquer coisa e ficar lendo — engolir o tempo — até o Cid chegar, ou então ver se havia alguma novidade pelas livrarias, porém, antes que me decidisse, um cruzador em frente chamou-me a atenção. Dirigi-me para lá.

Muitos homens, alguns marinheiros, uns molecotes, três mulheres cujo estigma do vício lhes estampava no rosto o que eram. E todos aquêles desocupados estavam ali sómente por causa delas, rodeando-as, uns com sorrisos galhofeiros, outros reservados e quietos como que cansados da vida, negligentemente recostados nas grades, diafragma que separa a praça do cais. E todo aquêles que passava ao largo se convertia num curioso e se aproximava do círculo que escondia as três mulheres, a única verdadeira causa da súbita aglomeração.

Uma era mulata, estava sentada no meio-fio, calada, bisonha; no seu corpo só os olhos mexiam, passeando pela multidão que lhe observava as pernas bambas, sem elasticidade, adiposas, de um moreno suave esmaecendo à medida que nos aproximávamos do vértice. O rosto estúpido, inexpressivo; a bôca mole, de cantos caídos, e muito pintada, cheirando à primeira refeição. Das três, parecia relegada para um segundo plano. Tinha as faces tintas de rouge em excesso; os olhos sombrios resplandeciam com um brilho onde havia mais obstinação e indiferença que medo ou receio ante a turba; as mãos, tinha-as apertadas uma na outra, agrestes e pesadas, a moverem-se impacientes; e os lábios cerrados pareciam conter tôdas as injúrias do mundo, esmagados, um no outro, com uma violência exacerbada.

Depois, baixando o olhar sôbre o maço de cigarros e a caixa de fósforos que tinha no regaço, os vincos da testa carregaram-lhe a expressão. Nada dizia, também nada parecia ouvir.

Uma outra, desdentada, cabelos soltos ainda por pentear, um sorriso obsceno na bôca, gesticulando muito como que embriagada, trazia no hálito um misto de tabaco e cachaça, e cuspiam a todo o momento, proferindo às vêzes uma palavra pornográfica. Se não fôsse a terceira, eu teria passado por elas indiferente.

Todos olhavam o busto ereto, o porte arrogante da jovem morena que acompanhava aquêles trastes, dois restos de mulheres. De estatura mediana, o todo agradava-me. Uma sensualidade indomável escorregava-lhe do olhar vivo, soberbo e ladino e da bôca nua, sem pintura, com os lábios descorados, de uma lividez cianótica, mas de contornos bem delineados. Os cabelos castanhos tomavam pesados sôbre os ombros num à-toa arranjado. E envolvendo-lhe o pescoço, uma fita verde prendia uma figa negra, que sumia no acentuado decote, entre os seios, e retornava aos olhares dos que a envolviam quando se sacudia com um movimento mais brusco. E todos haviam notado que só o vestido lhe cobria o corpo, acentuando-lhe os seios, ousados, a espetarem a fazenda leve, que nos oferecia uma silhueta do todo, apresentando-a semi-nua quase, e a deixar-nos perceber através da fazenda a boa conformação das coxas e do ventre liso.

As mãos eram morenas, muito finas, mãos de artista, com algumas veias azuis sobressaindo delicadamente. A bôca entreaberta, mostrando uns bonitos dentes, no entanto mal tratados, pedia beijos, pedia carne, pedia amor, dava idéia de que se oferecia a todos os desejos.

As pernas bem desenhadas mostravam-nos uns laivos, aqui e ali, vestígios de feridas.

Terminado o exame minucioso choquei-me com o olhar dela, que enristado sôbre mim parecia indagar o que lhe queria. Nada lhe queria. Deixei escapar um sorriso, e encontrei nos seus olhos e na bôca um misto de desdém e malícia, — e logo após, deixando cair o lábio inferior sacudiu os ombros com indiferença, como que para advertir-me que não lhe interessava.

Era difícil dizer-lhe a idade, mas não tinha mais que vinte e cinco anos. E embora parecesse frágil, vibrava nela uma agilidade de cobra com certo encanto. E aquêles entes que a rodeavam, olhavam-na tôda numa devoção deveras engraçada, despiam-na, alguns mesmo a possuíam. Atreviam-se outros a dirigir-lhe gracejos ou a convidá-la para o amor mostrando dinheiro, e ela indiferente, parecia abstrair-se com outra paisagem, mas como insistissem, não fêz cerimônia, acabando uma outra frase com um palavrão.

Por isso parei. Confundi-me com aquêles homens rudes do mar, louros uns, outros morenos, ruivos outros, caras angulosas, caras gordas, caras macilentas. Misturei-me àqueles molecotes e a todos mais. Mas eu pensava diferente dêles. E se êles soubes-

sem do que se passava em mim, decerto me chamariam de bobo, sentimental.”

“Que seria esta mulher há alguns anos?” perguntei-me no meio das minhas reflexões.

Mas para lá daquele ser ficava um mundo de coisas apenas sonhadas, enrêdo que eu sentia desentranhar-se do meu existir pesado de sensações, onde agia com liberdade o ficcionista.

Ela porém, alheia ao meu pensar, indiferente a todos que a rodeavam, caminhou até ao gradeamento e gritou para uns marinheiros já ali há dias, que a cobijavam cada qual atrás do seu binóculo.

— Albert... Albert...

Os binóculos continuaram na mesma posição, frios, impassíveis sôbre ela. Apenas, das bôcas dos marujos, que mastigavam chiclets, se desprendiam sorrisos.

— Albert... — repetiu.

Pareciam insensíveis os binóculos. Desta vez, porém, não sorriram. Gargalhavam interiormente. Um dêles comentou algo entortando a bôca, e a falha num dos cantos mostrava-nos acentuadamente a ausência do cachimbo. Um outro, carregado de divisas, parou sério, percorreu a multidão com um olhar verde e frio como o oceano, um olhar preciso, mecânico, e depois esboçou um sorriso quando parou na morena. Paraceu reconhecê-la... E o esbôço de sorriso lhe abriu tôda a bôca num rir compassado. Não havia, nêle, a menor expectativa de quaisquer palavras ou gestos, nem uma ansiedade, nem um desejo.

— Albert... Albert... hóóó!... óóó!... Dear...

E a jovem morena experimentou indescritível satisfação ao surpreender no rosto dêle um olhar que parecia abstrair tudo e concentrar-se exclusivamente na felicidade de contemplá-la.

Os espectadores conservavam-se imóveis, como se estivessem mortos, de olhos fixos e arregalados, ora olhando a morena, ora olhando o jovem oficial, cujos olhos verdes, infinitos, escondidos atrás das possantes lentes, a paralizavam tôda e deixavam a multidão em curiosa expectativa.

O vento cessara quase por completo. E êles prescrutavam o inesperado, com as feições sem vida, meio voltados para a brisa, como que escutando apelos vindos do mar.

O rosto oval e vermelho perfeitamente escanhado, aquêles olhos serenos, tão brandos como a quietude dum lago, enfim, todo êle estava possuído de imobilidade tão intensa que parecia mergulhado num profundo sono.

Ela permaneceu em silêncio durante longo tempo, sentia prazer em ser olhada tão insistentemente por êle e entregava-se por completo à volúpia, a recordar a noite que com êle passara, abraçando com frenesi as grades frias, os olhos semicerrados, fixos no chão, e o peito a subir e a descer com o respirar ofegante. Decorrido algum tempo levantou os olhos e com ar compungido:

— Meu bem, vêm cá... vêm, Albert... vêm...

O homem das divisas entregou o binóculo a um marinheiro,

depois sumiu numa porta, aparecendo logo após com outro binóculo pendurado no pescoço, e um sorriso desmaiado aflorando-lhe aos lábios. E quando fitou a morena sem a curiosidade do binóculo é que pude divisar os seus olhos de um verde dissolvido em branco, de olhar penetrante e frio.

E o que lhe queria êle assim parado, com os olhos nela, violentos e injetados, que pareciam ameaçar, desejar e implorar ao mesmo tempo? A jovem morena caiu numa espécie de alheamento absoluto. Só agora compreendia quanto era dêle. Súbito, sem que ninguém esperasse, correu para o meio da rua. E tudo isto quando a sua única vontade era estreitá-lo nos braços por muito tempo, pôr-lhe para trás os cabelos sôbre a testa e beijá-lo até mais não poder. Levou então à bôca uma das mãos em concha e gritou:

— Albert, look at me... look at me...

Na quietude espantosa do ar parado o menor barulho ecoava, parecia que ela falava sob a abóbada de uma igreja ou num cinema vazio.

— Look... look...

Dançando, o corpo ágil rodou sôbre si, e à medida que rodava, a parte inferior do vestido subia, ficando-lhe a bainha quase ao nível da cintura — as coxas, as nádegas, o sexo, descobriam-se ao mundo, aos binóculos, chocando-se com o meu olhar.

Houve um zunzum. Comentavam-na. Um negro, ao meu lado, disse:

— Bocado boa!...

Ela parou por uns instantes. As bôcas daqueles que se escondiam atrás dos binóculos vomitavam gargalhadas em que os próprios ventres tomavam parte. Bateu o pé no asfalto com violência, como que para chamar sôbre si a atenção de todos, e andou impaciente da rua até à grade e da grade à rua, várias vêzes. Já um tanto refeita, minutos depois continuou rodando, rodando. Inexplicavelmente, sentiu-se invadir por um sorriso estúpido que a sacudia e excitava como se tivesse perdido a noção de que não era um animal, e o sangue se lhe esvaisse acentuando-lhe a palidez, e o chão sob os seus pés se abrisse num abismo sem fim, oferecendo-lhe a sensação de em descida vertiginosa ser sugada pelo vácuo.

Todos riam satisfeitos com aquela cena. Eu condoía-me; e se até então não me retirara era porque realmente aquela mulher tinha algo de estranho, de diferente, de ousado.

“Que seria esta mulher há alguns anos?” repeti para mim.

Cansada e tonta de rodar, a jovem morena apoiara-se ao gradeamento e ali ficou imóvel, branca, exangue, com um arfar compassado, perdida quase de todo a noção de presença ou ausência das outras.

A mulata continuava sentada. Descruzou as pernas e ficou olhando com abatimento as mãos longas e ossudas. Pesados brincos desciam-lhe das orelhas, como que um traço de união a separá-las dos ombros, e a balançarem a qualquer movimento. Assustava-se quando alguém procurava conversar com ela, e sorria ato-

leimada se lhe falavam dos brincos. Dir-se-ia vagar acima do cotidiano, alheia ao comum das nossas horas.

Algun mais brincalhão e ousado a acordava daquele alheamento:

— Onde tu arranjou êsses brinco, Maria Cachucha?

— Foi o homem da comadre da tua madrinha, que mos deu... — era a única resposta.

E os seus olhos inchavam, espantados, ante a brusca explosão de gargalhadas que lhe deliam as últimas palavras.

E agora ali se deixava ficar, prostrada e infeliz, com os lábios muito cerrados e a testa engelhada como se se perdesse em reflexões, tendo o olhar fixo num ponto indeterminado, olhando sem ver, irônica, desdenhosa, distante.

Não tolerava os homens. Êles é que a fizeram desgraçada, obrigando-a a descer, descer até ao último degrau. E aquêlo olhar nostálgico, saudoso de algo perdido para todo o sempre, parecia evocar Leandro, sargento de polícia, seu primeiro amante. Vibrou de indignação:

— Enojam-me. Se ando com êles é porque preciso do dinheiro dêles. São uns porcalhões. Enquanto tiverem gaita, a Maria Clara é deles. Sem gaita, mando-os andar, não trabalho para aquecer. De graça?!... Por amor?!... (e fêz uma careta de repugnância)... Êsses gringos!... — e com o beíço apontou os homens dos sete mares.

Ouviam-se gargalhadas.

A desdentada fumava e, acenando para o cruzador, insultuosa, com um ar de pouco caso, proferiu:

— Seus brocha!... Vão sacaneá outro...

A outra dançava, e novamente as coxas, o sexo, principalmente o sexo, e as nádegas, vinham até aos meus olhos.

Os binóculos aproximavam-na cada vez mais dos marinheiros louros de faces vermelhas, da tórre.

Parou de súbito, levando uma das mãos à bôca em porta-voz:

— Albert, you like?

E acrescentou num tom mais brando:

— Albert... Albert... vem cá, meu filho... eu quero tanto você...

Exatamente neste momento, a mulata se levantou, correu para ela com as feições diáfanas e irreais, e disse-lhe assustada:

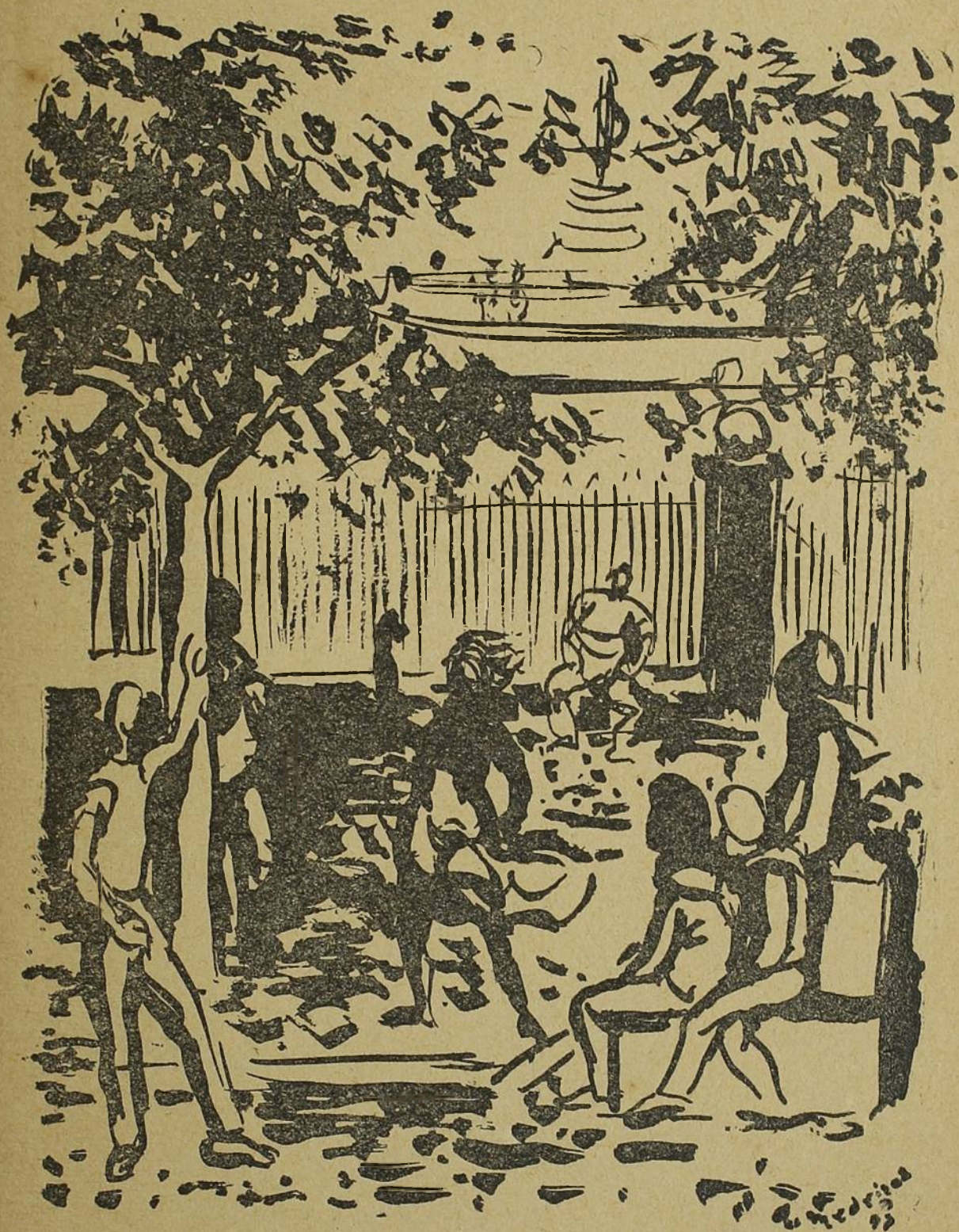
— Olha, Carmencita, vam'bora, vem um guarda ali.

— Suma-se! rouquejou com os olhos de louca na face lívida. — Vá-se embora da minha frente, gata imunda, e não me apareça mais.

Um soluço infantil sincopou a voz de Maria Clara. A desdentada, furtando disfarçadamente a cabeça ao hálito dela, pôs-lhe a mão suavemente na cabeleira sêca e áspera, como que para consolá-la.

— Você qué mesmo ficar pr'ai manjando êsse mericano?

A pergunta foi feita num tom de raiva crescente. Carmencita voltou-se assustada e exclamou rangendo os dentes:



Desenho de ANÍSIO MEDEIROS

— Não me olhe assim dêsse modo! Não me fale assim. Você não é minha mãe para me mandar, nem meu homem.

Lá longe, o sol, mergulhado no mar, feria-me os olhos. Um silêncio quase de morte.

* * *

O policial atarracado e fleugmático aproximou-se cautelosamente como se pisasse em areias movediças. Percebeu que o ambiente lhe era hostil, mas não se atemorizou. Bem forte, sentia-se capaz de topar parada com qualquer um mais audacioso. Apenas a desproporção é que o fez acautelar-se um pouco, enchendo-o de um terror vago.

Tinha o rosto congestionado pelo calor, a emoção e fadiga. Passou o lenço nas faces em brasa, e parou os olhos sublinhados por pesadas olheiras das longas noites de arrastadas vigílias — no grupo que parecia desmanchar-se:

— Que há?

Olhares enviesados policiavam-lhe os movimentos. E como todos permanecessem mudos, numa mudez cúmplice, êle advertiu com brandura:

— Vamos andar, minha gente.

* * *

Aquela que não sentia vergonha de mostrar-se ao mundo, tinha um rubor a cobrir-lhe as faces morenas. Ficou por um momento quieta, embora se sentisse alvoroçada, sem saber que resolução tomar antes que o guarda tomasse alguma — levá-la para o distrito, ou tratá-la com a rispidez de todos os guardas. Havia uma chama de ódio no seu olhar, álgido como o corpo morno, que oferecia por dinheiro. Mas, ante o olhar indiferente do guarda, descaíram-lhe os ombros. Nascera para ser subjugada, e ela o sabia, e por isso muitas vêzes amaldiçoara seu destino.

— 'Tá na hora de dar o fora, disse-lhe uma delas, como querendo acordá-la de uma abstração súbita.

Carmencita com um safanão livrou-se da mão que a segurava. E como a outra teimasse em levá-la, resmungando em tom abatido e súplice, “ — Vam'bora ” — ela redarguiu zangada, com ódio no olhar, empurrando-a violentamente e a encará-la logo após com tanto furor, que Maria Clara se quedou estarrecida.

— Vam'bora, pelo amor de Deus... — insistiu com lágrimas na voz rouca.

E Carmencita não se conteve. Abriu e fechou bruscamente os dedos recurvados em garra, e suas mãos tiveram um estremecimento ardente e cruel.

— Cala-te, bruxa, que te furo os olhos.

Levantou os braços contra Maria Clara. Parecia agitar-se num pesadelo. A outra, a sem dentes, evitou a tempo o golpe, e o gesto da jovem morena perdeu-se no vácuo.

Maria Clara olhou-a séria, sem compreendê-la, mas com um vislumbre de inquietude e vigilância, como que imaginando a possibilidade de uma súbita agressão. Um ligeiro rubor lhe subiu à frente, os seus olhos, de súbito ficaram duros, e ao cabo de uma pausa, murmurou:

— Vou procurar outra companheira...

E, ríspida, com o cenho franzido em carranca.

— ... e não te procuro mais... juro-te... por Sta. Brígida...

Deixou-se cair pesadamente, sentada no meio-fio, com os cotovelos fincados nas pernas, e assim permaneceu durante alguns minutos com o rosto entre as mãos. Pensei que chorava, porém, quando Carmencita lhe pousou de leve a mão no ombro, como a adverti-la de que o que se passara não as desligava, e que não lhe tinha ressentimento algum, ela ergueu a cabeça. Tinha os olhos enxutos. E não havia na sua resignação a mínima amargura, ao contrário, uma espécie de serenidade quase absoluta.

E como que a medo dirigiu a palavra à outra:

— Bandonas o mericano?

Carmencita acenou-lhe que sim.

— E deixas-me dormir contigo?

— Deixo, Maria, mas só se tomares banho...

Maria Clara olhou-a desconfiada. Carmencita acrescentou:

— Prometo também dar-te a cesta de vime, e o meu vestido estampado.

O rosto de Maria Clara se animou ao ouvir a amiga:

— Dás mesmo?...

A desdentada riu alto, gozando a cena, e continuou, despreocupada, a fumar e a pestanejar. As faces, amarelas, lembravam as de um bilioso.

* * *

Ainda por determinado tempo a jovem morena permaneceu imóvel por detrás da desdentada, tendo uma das mãos a cobrir o colo decotado com uma exagerada vergonha ante a autoridade, sem tirar, no entanto, de cima de Albert os grandes olhos. Depois, puxada novamente pelo braço por uma das companheiras, com lentidão, austeramente serena, os olhos no asfalto como que acabrunhada pela indiferença do marujo das divisas, ontem seu amante, hoje um estranho alheio à sua humilhação, retirou-se após ter olhado o guarda e dado um muxuxo, acompanhado de um sacudir de ombros, que, mais do que indiferença, parecia exprimir desdém.

— Essas vagabundas!... resmungou o policial balançando agressivamente numa das mãos o cassetete de borracha.

E então, como um súbito protesto, ouviram-se sons guturais, um tanto abafados, que pareciam exprimir surpresa e revolta. Um dos que estavam recostados nas grades, indignado, gritou:

— Tu é valente é com mulher.

Apenas era possível distinguir os gestos, um braço que se levantava ou a cabeça de um ou outro, dobrado por um gargarhar arrastado.

E ao primeiro protesto reuniram-se outros. Coléricos, replicavam o policial com um côro que parecia de injúrias.

* * *

Todos debandaram. Só os marinheiros se deixaram ficar ali, indiferentes e calados. Os retirantes sorriam. Tinha sido um bom espetáculo. Os molecotes de mãos nos bolsos, arrefecida a sensualidade, cada um rumou em frente, ao bulício do cotidiano, tomando vários caminhos, dissolvendo-se entre o povo que cercava aquêlo mundo de cimento que eu divisava lá no fundo, no comêço da Praça Mauá, a subir verticalmente para o céu. O destino que os reunira, dispersava-os agora. Apenas eu fiquei ali com os marinheiros, mas por uns minutos sòmente.

Ela distanciava-se do meu olhar...

— “Que seria esta mulher há alguns anos?”

... distanciava-se. Já não podia ver-lhe as manchas das pernas. Confundia-se com os transeuntes, que passando por ela faziam eclipses ao meu olhar curioso. Estranho, bastante estranho, e ainda que não me saiba explicar porquê, comecei a andar, e cada vez mais apressado na direção de Carmencita, que se dirigia para a rua Sacadura Cabral, requebrando o corpo, as ancas jogadas para cá e para lá, oferecendo-se...

Uma fôrça puxava-me para ela. O vento em rajadas frescas, com resquícios de maresia, batia-me no rosto, chamava-me à realidade das coisas. Uma nuvem branca, lembro-me bem, manchava o céu em frente. Em tudo um silêncio constrangido e envergonhado.

Agora, eu a tinha tão perto de mim que quem me olhasse bem nos olhos encontraria nas minhas pupilas Carmencita de costas se requebrando.

Cada qual, sobretudo na extrema juventude, atravessa uma espécie de crise espiritual. Ela varia muito pela intensidade e a forma, segundo o clima mental da época, mas não muda na essência.

CHARLES MORGAN

D U A S O D E S

XIX

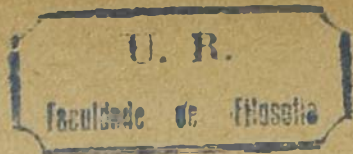
TALVEZ do anjo a sombra sôbre a face,
Porém nunca o anjo.

Ardente querubim de estrêlas e de auroras,
O anjo do mistério jaz oculto.

Nem posso te dizer o nome e o susto que o delata,
E' tudo tão no sonho...

Assim nós passearemos pela tarde silenciosos,
Incertos tripulantes do divino.

Monólogo e milagre, que nada pode um anjo
Senão ser visto no ar da noite.



XX

DENTRO da noite a tua beleza
Existe embora dure na alma
O amargo desabar de outras idades,

Como da rosa pura na manhã gelada
A rútila corola invade o dia,
Ausenta-me da vida a tua imagem.

Nem deves perguntar-me, alma estrangeira,
Por cousas silenciosas que mastigo,
Basta existirmos entre a ruina e a lenda,

Sonâmbulos e virgens, demais adivinhados
Um pelo outro, a uma vindoura terra destinados,
Sonâmbulos e virgens como um anjo.

Tudo o que importa é ter havido
Instantâneo silêncio ante a beleza.

MARCOS KONDER REIS

O torso de madeira

XAVIER PLACER

ORA, há coisas realmente inexplicáveis. E maravilhosas. O sonho que tive esta noite, por exemplo. Não admira que Nerval chamasse a êste fenômeno “uma segunda vida” e, mais que isto, “uma descida ao inferno”.

Como de costume, eu havia recolhido tarde na véspera. Desgostoso comigo mesmo sem saber por que, deitei-me, o espírito presa de pensamentos graves. Tentei a princípio retomar o fio de uma antiga leitura; efeito do estado de espírito, do esforço de atenção ou do cansaço, em pouco as pálpebras começaram a trair-me: e o gesto maquinal do braço, tateando uma pequena superfície lisa que se deixava comprimir — sei agora que era o interruptor da lampada elétrica — foi a última reação da vontade na aniquiladora inconsciência em que me perdi.

E, sem transição, vi-me numa sala ampla de casa antiga. Figuras de dimensões várias e várias formas, dispostas ao longo das paredes não sem alguma ordem, levaram-me a concluir que estava num “atelier” de escultura. Não me maravilhei com isto; antes imediatamente me dispus — uma força desconhecida a tal me compelia — a trabalhar um pesado toro de madeira que ali achei. Possuido de uma alegria nunca sentida, eu me dizia: “Tirarei desta matéria bruta, inerte, uma obra de arte. Modelarei um torso de mulher. Será o que de mais perfeito se realizou até hoje no mundo.” O estranho milagre! Dava alguns golpes com os dedos hábeis, e o volume de uma cabeça surgia, que me agradava. Novos golpes, e o busto e os braços informavam-se perfeitos. Alguns golpes ainda, e seios de linhas simetricamente suaves se plasmavam. Afastei-me para contemplar o trabalho. Pareceu-me, porém, que eu não fixara senão o contôrno exterior, alguma coisa mais alto, entretanto, faltando para ser uma obra de arte. Num relâmpago realizei: a alma. Era a alma! Aproximei-me de novo para trabalhar a massa inerte, para imprimir-lhe uma centelha de vida, mas depois de afanosamente lutar, convenci-me de que buscava o impossível. Então, cheio de raiva, senhor da mesma agilidade com que o realizara, destruí o torso de madeira a grandes golpes.

Um grande alívio se apossou de mim. E, de novo sem transição, vi-me andando ao acaso na perspectiva de uma avenida moderna, pavimentada de arabescos sem nexos e marginada de edifícios altíssimos de um só lado. Ninguém — o que entrou a inquietar-me. Onde estavam os habitantes? Acaso não era uma cidade? Encaminhando-me para o lado sem construções, com-

preendi que estava à beira de um abismo; temerariamente inclinei-me para olhá-lo: não era abismo, mas o infinito! Aquilo fêz-me lembrar os versos de um poeta querido, que, entretanto, não consegui reconstituir. Também não me causou desgosto: já agora uma pérola negra, de grandeza jamais vista, estava no infinito, e havia milênios esperava por mim para que a possuísse. Fitei um instante o infinito, fechei os olhos, e lancei-me nele: com agradável surpresa, senti que me equilibrava no espaço. Miríades de estrêlas de um brilho triunfal povoam a região sem limites, enquanto eu a atravessava com a velocidade de um aerolito. Abruptamente, sem compreender nada, o milagre cessou: os astros foram diminuindo, eclipsando-se, fazendo-se em pouco uma treva indevassável. Perdi-me nessa noite escuríssima. Quando me libertei dela, tinha o espírito exausto e estava no alto de um rochedo solitário, escarpado e nu. Águias voavam serenas, no horizonte longínquo... Um sol pálido subia.

AGORA um sentimento de culpa pesava sôbre mim. Se ao menos me fôsse dado projetar um pouco de luz sôbre o meu sofrimento! Mas não, eu cometera algo que nunca se comete impunemente: EU HAVIA DESTRUIDO ALGO, E, FAZENDO-O, AO MESMO TEMPO ME MUTILARA, DESTRUIRA A MIM PRÓPRIO IRREMEDIAVELMENTE. Como um inútil consôlo, os versos rebeldes de há pouco vieram-me nítidos aos lábios:

“A dor é constante, indefinível, negra;
e tem a natureza do infinito.”

E repetindo-os eternamente, para sempre ali devia eu ficar!

“Um auto-retrato? Não me sinto inclinado (pelo menos agora) a pesquisar-me. Direi apenas que, não obstante muitos anos de semelhante experiência, continuo olhando a vida através da poesia. Preocupa-me cotidianamente o mistério poético e a impossibilidade de captá-lo em sua fascinante liberdade. Porque só a poesia é realmente livre. Inútil amordaçá-la em limites supostamente implacáveis: supera tôdas as conspirações”.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

LÁZARO

Ato Segundo — Cena Segunda

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

JOSÉ MARTINS e ALMERINDA. Sala de estar da casa de ALMERINDA. — Noite

Martins desce a escada, assobiando. Veste calças do uniforme de sargento da policia, trazendo as botas, camisa e túnica, ainda por vestir. Para de assobiar ao atingir o meio do segundo plano, olha a direita, seguindo depois a essa direção. Larga a um canto os objetos que trazia em mão, desaparece à direita, ouvindo-se o assobio, já então imitando os trinados de um canário. Volta ao meio de cena trazendo uma gaiola com canários, examinando-os de encontro à luz. Novamente sai à direita, voltando em seguida com outra gaiola, esta ainda em acabamento. Põe a gaiola de canários à extrema direita, segundo plano, estira os braços, bocejando, senta-se no chão, continuando a entalar a nova gaiola. Silêncio. Almerinda desce a escada trazendo uma coroa de flores de papel e o material necessário para a confecção da mesma. Senta-se num banco, à meia esquerda, segundo plano. Martins finge não vê-la, continuando no seu trabalho.

ALMERINDA — Afinal, Martins, hoje estás conosco.

MARTINS — Contigo, não?

ALMERINDA — Sim, na nossa casa, Martins.

Silêncio. Continuam, ambos, nos seus trabalhos

ALMERINDA — Martins...

MARTINS — (com enfado) — O que há?

ALMERINDA — Já estás aborrecido?

Martins não responde.

ALMERINDA — Bem sabes quanto te amo.

MARTINS — E eu, por acaso, não te amo? É preciso sempre repetir?

ALMERINDA — Sim, repete.

MARTINS — Não há mais graça, Almerinda, nenhuma graça. (Silêncio — Há tanto tempo vivemos juntos.

ALMERINDA — Há dez anos.

MARTINS — E muito antes, quando "êle" ainda era vivo, já

diziamos juras de amor, e tu, na tua loucura, me obrigavas a repetir — eu te amo, eu te amo. E teu ardor era tanto que nêle eu me consumia. (Silêncio) — Mas tudo tem o seu tempo. (Noutro tom) — Já não chega a nossa vida, viver ao teu lado, sempre ao teu lado?

ALMERINDA — Pareço-te uma louca, mas o meu amor continua e por isso te aborreço?

MARTINS (aborrecido) — Não Almerinda, não é isso. Ainda bem não comprehendes e já levaste as coisas pelo lado da tragédia.

ALMERINDA — Não é demais o que te peço, Martins, mas me perdoas.

MARTINS — Não é para perdão, apenas falei...

ALMERINDA — É que tenho medo... há dez anos êste silêncio me sufoca.

MARTINS — Que importa o silêncio desta casa, não me tens tu?

ALMERINDA — A tua companhia e a presença de um filho que há anos não vejo (noutro tom), e nem sei do seu paradeiro. Mas sinto que êle vive e me despreza, que me queira mal, talvez. Tenho o teu amor, Martins...

MARTINS — E então?

ALMERINDA — Se me abandonas.

MARTINS — (interrompendo) — Que idéia! E isso porque não vivo a te abraçar o dia inteiro. Desde os vinte e cinco anos que te abraço e beijo e te juro amor. (Noutro tom) — O tempo vai andando, já me sinto envelhecendo. Tenho trinta e oito anos, querida.

ALMERINDA — Malvado, me magoas falando-me de idades.

MARTINS — (sorrindo) — Achas pouco as vêzes em que tua filha nos pegou em idílios, como duas crianças? Bem sabes da víbora que tu geraste, dos fios de uma aranha que ela vive a tecer.

ALMERINDA — O temor dessa filha que me odeia, que cada dia cresce mais forte em sua arrogância, num riso que é tôda uma fonte de suficiência. E êsse riso me apavora.

MARTINS — Nisso ela puxou ao pai...

ALMERINDA — Ela é tôda o pai, crescendo e me desafiando, como se fôsse eu uma impostora e lhe devesse explicações. Não me dirige a palavra, há muito, e se a procuro o seu silêncio é mais frio que o gelo. E me observa, parada como uma sombra, olhos vidrados me desnudando, um desprezo à distância, como se me estivesse a humilhar, a me lançar no rosto a terrível palavra.

MARTINS — (fingindo-se aborrecido) — Não deves ligar, Almerinda. Moça que não é bonita e não namora

sempre dá para implicante, mesmo que se faça beata.

ALMERINDA — Ela não acredita em nada. Se diz vítima e exige uma reparação. Quando fala do irmão é como se pertencesse só a ela, e não o meu filho Lázaro, que eu dei à luz.

MARTINS — Cerca-se de criados ordinários, de gentinha baixa, para o seu veneno. Foi sem proveito a companhia das religiosas, os sete anos de internato, a educação, enfim.

ALMERINDA — O que aprendeu foi para matar, para destruir. Num colégio jamais entrou tanto ódio.

MARTINS — Já o levava, no sangue.

ALMERINDA — É inacreditável, com dez anos, uma criança, ainda.

MARTINS — E agora anda em pares com Perpétua. Por que não mandas Perpétua ao asilo? Pensa nesse grande mal — duas loucas juntas — que peça não andarão tramando?

ALMERINDA — Perpétua põe-se num canto, calada. Ela se aproxima de manso e grita-lhe no ouvido: Hilda! Perpétua resmunga, de novo ela se aproxima ameaçando-a. Perpétua repete: Hilda!

MARTINS — Tem um gênio muito forte, a moça.

ALMERINDA — E eu só tenho a ti, é a ti só que eu amo.

MARTINS — E o teu filho?

ALMERINDA — Que sentimento posso eu ter por um filho que bem certo me odeia? um desaparecido? O amor se gasta, a ausência o consome.

MARTINS — (sorrindo) — Não resta dúvida, querida, me tens. (Silêncio) — Mas existe ainda alguém, grande, sério todo poderoso, a quem tu rendes tributo.

ALMERINDA — Levo-lhe coroas... mas sempre o odiei. Sempre.

MARTINS — Isso de coroas é demais. Todos os anos uma fita roxa amarrando as flores e os dizeres: da saudosa Espôsa para o sempiterno R. M. (ri).

ALMERINDA — É um hábito. Habituei-me a dar-lhe flores. Êle mesmo nunca me pareceu mais do que um depósito de flores. O que é lamentável.

Martins se levanta, apanha à sua esquerda a gaiola dos canários, compara-a com a outra. Senta-se.

ALMERINDA — Martins, o padre...

MARTINS — Mas sim, já sei, o padre nos simpatiza, não é? E desde algum tempo para cá, quando fui nomeado Prefeito.

ALMERINDA — É claro, sempre foi nosso amigo. Além disso não o esqueças de incluir entre os dois grandes de Monte Azul.

MARTINS — Enquanto tu te esqueces de que aqui só há um grande, o Prefeito, e que esta nova cidade já não se chama Monte Azul, mas pelos serviços prestados a ela, por um adventício, houve por bem mudarem-na para Martinópolis.

ALMERINDA (sonhadora) — A minha cidade...

MARTINS (sorrindo) — Cidade de Martins. Polis quer dizer cidade, cidade de: Martins.

ALMERINDA — Sim, mas o padre sugeriu...

MARTINS — O padre me respeita, me admira, logo sou eu o mais forte. Além disso êle sugere. Que te sugeriu o padre?

ALMERINDA — Entronizar na nossa casa o Coração de Jesus. Sabes, tenho por muito bom conselho, e é a obrigação de tôda família católica. As principais famílias de Martinópolis, têm, tôdas elas, entronizado nas suas casa a imagem do Coração de Jesus. Eu sou uma Zeladora...

MARTINS (interrompendo) — É claro, é claro, (assobia para o canário da gaiola) — Duas pessoa importantes e uma só verdadeira.

ALMERINDA — Mas...

MARTINS — Nós somos católicos, Almerinda. Cristo deve reinar em todo lar brasileiro. Até já sugeri ao padre a construção de um templo digno de Martinópolis, aproveitando o local da igreja velha, acanhada, pequenina. A Prefeitura dará todo o apoio, moral e material (continua a entalar a gaiola).

ALMERINDA — Mas, o padre novamente tocou naquele velho assunto...

MARTINS — Perguntou quando nos casaríamos? Muito natural. Por que não disseste que em breve?

ALMERINDA — Êste teu em breve parece mais uma evasiva, Martins.

MARTINS — Querida?

ALMERINDA — Respondi-lhe que no fim do ano. Então êle disse: no dia 8 de dezembro, dia da Imaculada! Está bem? Falta só um mês, minha filha, precisamos correr os banhos. Baixei o meu rosto, não soube mais o que lhe responder. Andei mal, não achas?

MARTINS — Não é que tenhas andado mal, mas por que todos êsses arroteios para contar o teu encontro com o padre?

ALMERINDA — Não sabia como começar.

MARTINS — Depois de tanto tempo ainda não sabes como começar. Mas, não te precipitaste? Não concordas que está muito em cima para os preparativos-

ALMERINDA — Que preparativos, Martins?

MARTINS — Está bem, está bem. (levanta-se, boceja, leva as gaiolas para o primitivo lugar — saída do segundo plano, direita; volta, põe os braços entre as nuças, estira-se) — E tua filha?

ALMERINDA — Decerto me tratará com menos rigor, e é possível que não sinta o seu olhar de desprezo lançando-me em rosto aquela venenosa palavra.

MARTINS (forçado, tomando uma deliberação) — Querida, vem calçar-me as botas.

ALMERINDA — Ainda vais sair?

MARTINS (cínico) — Por que perguntas?

ALMERINDA — Martins?

MARTINS — Vou ter com um amigo.

ALMERINDA — A estas horas?

MARTINS — Tratar de assuntos, Almerinda.

ALMERINDA — Que assuntos?

MARTINS — Política.

ALMERINDA — Deves descansar.

MARTINS — Preciso ver se a cidade dorme, o que vai acontecendo pela noite. Sou eu só, a responsabilidade é minha. (cínico) — Que será da mocidade sem um guia? Preciso moralizar essa gente que pouco conheces. O padre não está contente?

ALMERINDA — Ele fala da Providência Divina.

MARTINS — Ora a providência. O Prefeito vela, não é isso grandioso, divino?

ALMERINDA — É. Mas para a noite tens a polícia, o teu delegado.

MARTINS — Anda, vem calçar-me as botas. (Almerinda o calça) — Querida, estamos envelhecendo, hein? (Almerinda não responde) — Darei um ligeiro bordo, voltarei dentro em pouco. (Almerinda volta a tecer a sua coroa, Martins se levanta, põe a túnica, penteia-se) — Não te canses tanto pelo “velho”. Estarei logo ao teu lado. Beija-me, (chega-se a ela, encostando-lhe a face. Almerinda beija-o, friamente) — Até já, querida. (sai).

ALMERINDA — Continuo, é certo, habituei-me. Tenho vivido como uma sonâmbula e isso é como viver morta. Mas vêm o ciúme arrancar-me. A dor, a dor de ser desprezada. Que é a dor para mim, estéril e criminosa? Observas-me, me espreitas (atemorizada) — Lurdes, Lurdes! Teu rosto, filha, êste teu rosto! (ouve-se soar o relógio) — Mas ninguém fala? Não há uma resposta? (silêncio) — Mêdo de quem? As sombras crescem, se apagam... Que dor sentiria? O ciúme, ó Deus, o ciúme? Tenho vivido como uma sonâmbula, morta, morta...

Pano lento.

Evocação de Berenice

*NUNCA mais me curei do veneno que me deu a bela Berenice,
da volúpia pressentida no seu ventre de virgem
e nos seus olhos onde habitava o inferno, nunca mais.*

*Berenice descansava à sombra das árvores,
seu silêncio provocava sonhos de morfina,
bebedeiras de whisky, o complacente silêncio de Berenice.*

*O amor incendiava as trevas da noite,
o saxofone tocava uma rancheira,
mas Berenice continuava impassível sob as árvores.
Apenas sua cabeleira era tocável,
agasalhando o corpo de sugestões
— seu corpo era todo sugestões.*

*O pudor continuava inatacável,
apenas os olhos se consumiam em lúbricos pensamentos
e a cabeleira ondeava em curvas sensuais.*

*O saxofone continuava a tocar uma rancheira
e Berenice descansava — intocável e pura —
à sombra das árvores,
fitando-me com seus olhos onde habitava o inferno
provocando visões de absinto.*

*Os cabelos de Berenice flutuavam ao vento
cobrindo seu corpo de sugestões.*

Aero - Poema

*DESCERRAM-SE cortinas do sonho
ao mágico toque das mãos de cristal.*

*Ergue-se o palácio nas nuvens
veleiro aéreo transbordando espumas
andorinhas transportam mensagens de amor.*

*E da pedra sombra relâmpago
do punhal avião espada
fêz-se carne ungida
bondade luz
coração infragmentável.*

Estudo melancólico

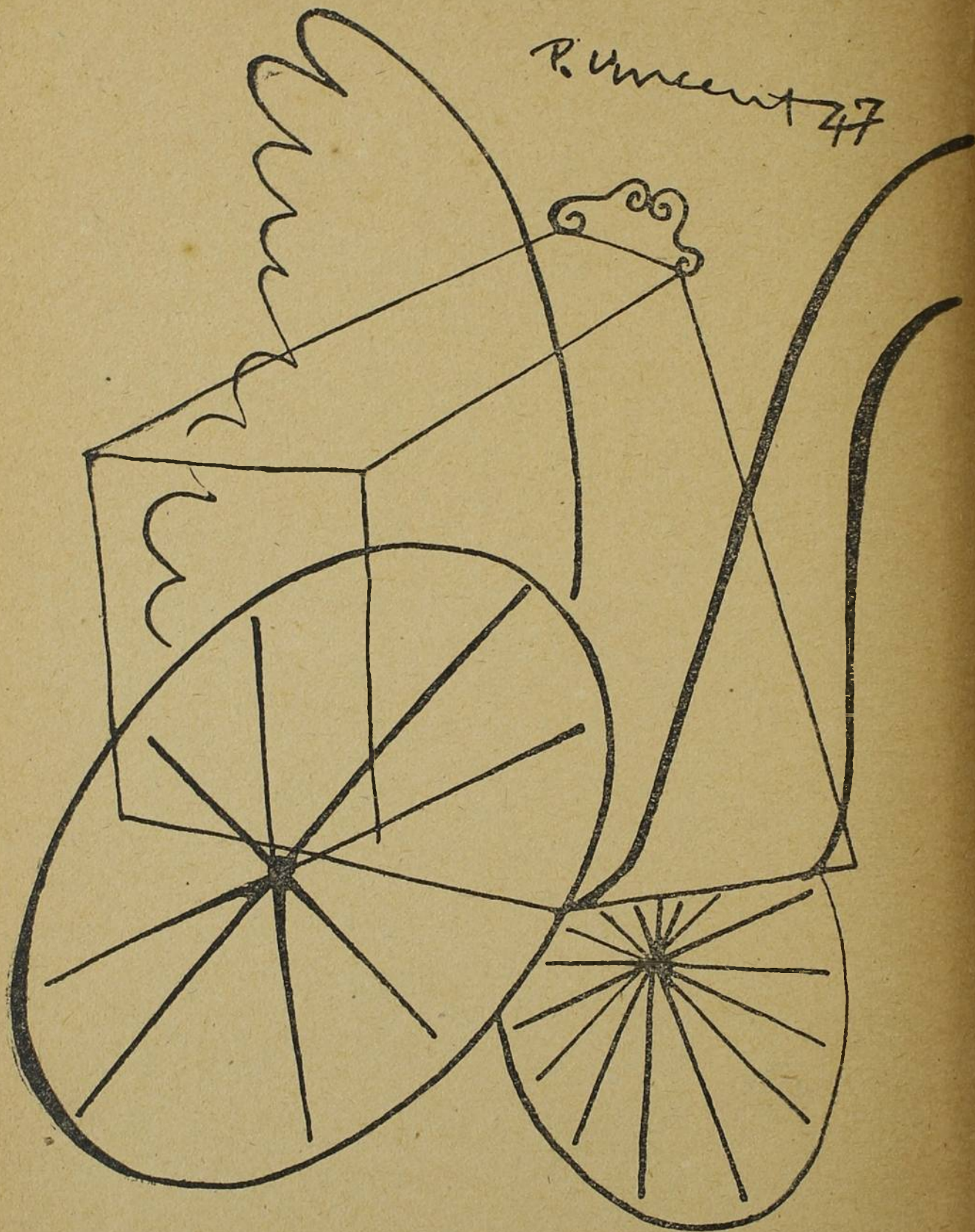
*EM novembro, a tarde azul desvanecia-se
em sonolentas nuvens e num sol imerso
no silêncio dos vales de granito.*

*Em dezembro, invadia o pensamento angustiado
o fulgurante mistério do Natal.*

*A quietude na translúcida noite
sintetizava o lirismo dos amantes
que escutavam o piano confabulando com Strauss.*

Era como se a primavera visitasse o coração da amada.

FRED PINHEIRO.



Desenho de PAULO VINCENT

Antemanhã

Brancos presságios
de mãos pelo ar.
Pérolas suspensas
entre dois espaços
antecedem praias.

Desfaz-se o relógio
em leiteiro e pombas.
Funerárias gentes
da luz escorridas
brotam sem vestígios.

E há o rumor distante
de um bonde nascendo.

WALTENSIR DUTRA

Ode ao Madeira R

MADEIRA R de rei que rói,
Que me desalmas, que me diluis,
Madeira R de vinte sóis.

Na frente tenho a árvore
ou através do espelho
Onde os caminhos vão na selva se esconder.
Enquanto as línguas — sempre estranhas — se emaranham
e as risadas se encadeiam.

Madeira
Dos leves caracóis de luzes apagadas.
Lá no limite do início azul
Balançam os pomos
— dourados pomos —
Mas que vitória, se não venci?
(se não venci).

R, de mulheres escondidas
Que reveladas, virão dançar.
Por entre os dedos do solitário, por entre as coxas, por entre
[as roupas, por entre os sonhos
POR AÍ NÃO! Que viram espuma nas ondas tristes do frenesi.
(nas ondas tristes do frenesi).

Madeira R me traz depressa
Madeira R de vinte sóis
Os sonhos todos que já perdi.
Quem diz infância, diz nati-morta.
Quem diz jeunesse, mentiu.

Era linda, tinha tranças, e nos olhos balançava todo mês de
[abril.

Na ladeira das palmeiras
Meu amor, não vou lá não.
Quem gosta de mim é ela,
Gosta dela é Capitão.
Vinte igrejas? Trinta igrejas?

Meu caminho sempre só.
Dá licença? Vou-me embora,
Sou demais, já percebi.
Uns nascem pra ser agora,
Pra ser nunca que eu nasci.
— Diga um verso bem bonito
No meu álbum, e dê o fora.
Infinito e par de meias
Na ladeira das palmeiras
Ajudaram a estrangular.
História grande, comprida,
Não se acaba de contar.
— Tome lá pra cervejinha.
Nós queremos cervejé.
Garrafa não, é botella,
Nem Madeira é Mamoré.

Rasga a rua, Rola a roda, Rompe o riso,
O erre é Rei.

Rei de copas, Rei de ouros,
Meus amôres já gastei.
Quem gosta de mim é ela,
Rei de espadas, morrerai.

Madeira R só tu que sabes,
Sombra grande sem perdão,
Três e zero vêm por perto,
R é sêco, céu aberto,
Eu vou fugir da prisão.

MARINA, ESPUMA DO MAR

TEREZINHA EBOLI

O homem estava na beira, rente às águas, sôbre a areia molhada. As ondas vinham e êle abaixava, fechando nos dedos um pouco de espuma. Por instantes, segundos apenas. Quando iam, abria-os e erguia o corpo à espera. O mar voltava e suas pernas, nuas até os joelhos se dobravam de novo.

Havia muita fragilidade naquele homem tentando colher o mar. Seus olhos não eram um contraste como o eram as roupas. Pareciam mesmo, pertencer ao mar. Verdes, do verde mais de sôbre a praia, já amarelando. Uns olhos velhos, de quem já viu muito, e não sabem ser senão indiferentes às coisas exteriores. Olhos como de certos animais, próximos à morte, ou de certas crianças doentes que nos parecem envelhecidas de repente.

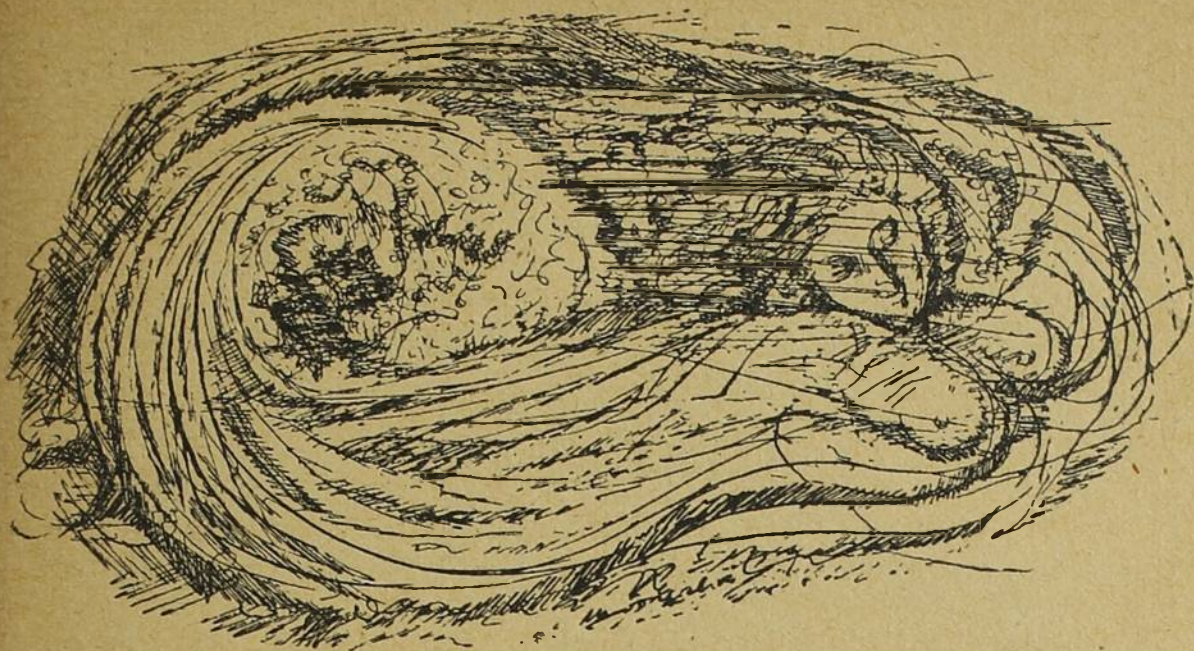
Aquêle movimento de apanhar ondas parecia estruturado nêle. Se alguém não o fizesse, êle, fatalmente, teria feito um dia. Era o apanhador de ondas, que mergulhava, de vez em quando, o rosto na superfície da água, a mirar o fundo, para levantá-lo, depois, a escorrer pingos lentos e brilhantes.

O mar nunca fôra para alguém o que era para êle. Seu lugar era alí dentro. Devia estar lá no fundo, deitado, fazendo parte dêle. Mas não podia ir já. Enquanto ela não aparecesse, deveria botar, todos os anos, flores no mar. Quem foi tão viva não podia ter ficado prêsa na terra. Por isso ela o escolhera. Seu movimento seria o próprio ar que a levava às regiões infinitas.

Agora que êle estava só não odiava o mar. Sabia que um dia a encontraria, quando estivesse cansada do embalo frio das águas mais profundas. Então, se deslocaria do fundo e viria boiando, lentamente, até que aflorasse à superfície, coberta de rosas. Diante do corpo alí tão perto, êle se lançaria ao mar e prêso a ela desceriam para o fundo, definitivamente. Se escolhera aquêle lugar, devia ser o mais sublime. Marina sempre tivera a intuição dos lugares fantásticos.

Era só isso que queria. Sempre que vinha à beira d'água esperava o sinal que a identificasse. Não deixava de vir todos os anos. Era o dia dela, talvez aparecesse. Talvez resolvesse se dar agora. Agora que já satisfizera o último desejo, o mais forte e o mais difícil. Quem sabe se já existia nela o vazio de desejos impossíveis? Então, êle a satisfaria.

Se ao menos aparecesse o lenço azul que amarrava seus cabelos, êle poderia saber. E se mais tarde perguntassem alguma coisa, diriam: "Foi para o mar com Marina"... Como se des-



Desenho de EROS GONÇALVES

sem uma notícia comum de uma viagem, de um passeio, não de uma morte.

Mas ela não surgia, e o mar coalhava-se de rosas.

O Homem estava diante do mar, à beira d'água, com uma caixa escura na mão. Êste ano não trouxera rosas. O florista não quis vender. Rosas brancas eram raras, não podia vender para defunto. Êle nada dissera. Não tinha coragem para contar. O sentimento do mundo contra êle. Marina não tinha sepultura com número. Era infinita. Não adiantava dizer isso ao florista. Não o compreenderia. Era seu dia; devia ir ao mar levar-lhe rosas. Dava-lhe rosas no aniversário. Marina parecia ser feliz com êle. Ria muito e sempre. Era alegria? vida? Nunca lhe agradecia, mas era seu jeito. Assemelhava-se àquela espuma que êle só conseguia reter por segundos nas mãos. Escapava logo por entre os dedos e perdia-se numa multidão desconhecida.

Quando vieram lhe dizer que ela havia desaparecido nas vagas, já parecia esperar. Não podia ter escolhido outro. Era ao mar que amava. Era nêle que passava as horas mergulhando, e quando recebia o recado, que viesse, nada respondia. Vinha quando queria, com o silêncio. Lentamente, os cabelos sôbre os ombros molhados, o olhar vago, inexpressivo, na espuma, e as mãos tombadas exaustas de movimento. O dia já ia a meio, mas para êle, amanhecia com o aparecimento dela. Notava o sol e tinha vontade de se mover. Era ela que esperava também as noites e, raramente, elas vinham com sopro que faz vibrar as regiões mais calmas.

SE não a amasse tanto teria gritado. Teria arrancado de suas mãos aquela caixa escura que tocava música, atirando-a lon-

ge, num impulso justificado. Era um elemento a menos naquele mundo indevassável. Mas não o fez nunca. Quando se lembrou de fazê-lo, Marina mesma já a deixara num canto, muda.

Deveria, mesmo, ter reagido quando o quis deixar naquele ano de fome. Mas não. Teve pena; quase roubou para ela. Nunca deveria ter dado tanto! Não acreditava, hoje, que as pessoas soubessem receber tanto. Não que ela não pudesse. Marina sabia amar as coisas, não sabia amar os homens. Primeiro o mar. Depois aquêlê castiçal antigo com que saía à noite pela casa, refletindo sua sombra rápida pelas paredes, o polichinelo de sua infância e por último aquela caixa. Nunca houve lugar para êle.

Muitas vêzes pensou que ela não fôsse daqui. Havia um mistério envolvendo-a. Tinha até mêdo de falar quando a encontrava olhando o mar. Parecia estátua branca, umedecida pelo vento. Um tremor o assaltava, um aviso de que muito cedo a perda seria total.

Às noites ficava pensando como prendê-la. Mimava-a. Aceitava seus caprichos. Mas não a despertava para êle.

Marina partira sem levar nada. Foi só e êle ficou tão só quanto ela. Por isso, no dia em que supôs lhe negarem rosas, levou a caixa de música.

Quando os pescadores passaram com as barcas, na madrugada, e as redes foram atiradas, veio se aproximando com o barulho dos peixes, a música que vinha do mar, alí de bem perto, sem se saber de onde, lentamente tocando, lentamente morrendo...

Os nossos escritores e artistas são incapazes de meditar uma obra antes de a fazer; desconhecem o que seja a coordenação, pela vontade intelectual, dos elementos fornecidos pela emoção; não sabem o que é a disposição das matérias; ignoram que um poema, por exemplo, não é mais que uma carne de emoção cobrindo um esqueleto de raciocínio. Nenhuma capacidade de atenção e concentração, nenhuma potência de esforço meditado, nenhuma faculdade de inibição. Escrevem ou artistam ao sabor da chamada "inspiração", que não é mais que um impulso complexo do subconsciente, que cumpre sempre submeter, por uma aplicação centripeta da vontade, à transmutação alquímica da consciência. Produzem como Deus é servido, e Deus fica mal servido.

FERNANDO PESSOA

FRAGMENTOS

HAYDN GOULART

15-VIII-194... — O pai, amigo de minha idade, balançou-se na cadeira e falou-me, grave: “Quero que este meu filho fique isento das amarguras, dos sofrimentos e deficiências de minha existência. Claro que o educarei na paz, ensinando-o a ver o bem e o mal das coisas. Por certo, evitarei os complexos e os desejos precoces. Será, enfim, o que não me deixaram ser neste mundo.”

Era em agosto, um vento frio corria lá fora. Senti, então, a inutilidade de minha vida; a nossa geração estava morta.

*

21-IX-194... — Nos entremeios da vida diária há certas horas (ou minutos?) que são inteiramente nossos, onde fazemos os nossos castelos ou permanecemos estáticos diante de uma pintura ou de uma sinfonia. É o que diz aquêle verso de Wordsworth: “The dreary intercourse of daily life”.

*

19-VI-194... — Exatamente como imaginava em 194...: os acontecimentos me levam a pensar diferente. E o pensar de hoje será infantil ou inexpressivo na nota de amanhã. Como posso então, crer, na verdade do que digo, neste momento?...

*

25-IV-194... — Encontrei num pedaço de papel escrito por mim, há tempos atrás, o seguinte: “Neste dia — 6 de junho de 1944 — começa a invasão européia. Imagino, nesta hora, um soldado numa praia a morrer quase silenciosamente, em todo o barulho da metralha, por uma causa. Salva a causa, mas a sua vida, quem a dará de novo?”.

*

15-X-194... — Achei em Anatole France esta frase que poderia ser, na minha mocidade, o lema de vida: “... dans l'âge le plus tendre, je nourissais le désir de m'illustrer sans retard et de durer dans la mémoire des hommes”.

*

9-XI-194... — Ah! Esses dias iguais, tão calmantes e tão horri-
veis. Impaciência por nada acontecer; medo de que tudo aconteça.

*

4-VIII-194... — Que dignidade e desejo da verdade encontramos nessas cartas de Renan a sua irmã: “Pois bem, eis numa palavra o fato: não tenho bastante fé. Enquanto o catolicismo foi para mim a verdade absoluta, o sacerdócio afigurou-se-me cercado

duma brilhante aura de grandiosidade e beleza. Circunstâncias acidentais resultantes dos homens e não das coisas, tornaram lento, por alguns instantes, o impulso espontâneo de minha alma. Mas não eram mais do que nuvens ligeiras, que se dissiparam logo que compreendi estarem tôdas as contingências da vida sujeitas a essas provas, e a provas mais cruéis ainda". Parecem palavras escritas por um dos personagens de Bernanos, em "L'imposture" quando vai perdendo a fé.

*

16-III-194... — Do diário de Katherine Mansfield, recolhi êsses trechos soltos: 30 de agosto. Reli o meu diário. Digam-me: Deus realmente existe. Hoje sinto-me velha. Ah! ter alguém que gostasse de mim, que me consolasse e me impedisse de pensar".

"Mas o meu coração inquieto roi-me o corpo, roi-me os nervos, roi-me o cérebro".

"A honestidade (porque será?) é a única coisa que me parece mais preciosa do que a vida, do que o amor e do que a morte".

*

11-1-194... — Os amigos emigram. E o desconforto de sua ausência. E a falta de outro amigo.

*

17-1-194... — Nesta tarde de janeiro, relendo Alain Fournier, encontro em uma de suas cartas: "C'est ainsi depuis l'enfance: devoir que n'est pas fait, leçon qu'on n'a pas en temps d'apprendre — et ainsi jusqu'à l'heure de notre mort, où nous nous présenterons les mains vides, torturés d'un regret abominable".

*

18-XII-194... — Lendo agora o "Último puritano" de Santayana estaquei numa parte em que se falava da ordem moral no mundo. E fiquei a imaginar daqueles doutrinadores que querem impor uma moral ao povo esquecendo-se de que a arbitrariedade em um ato é, já, um principio imoral.

*

7-IX-194... — "Despertei hoje cheio de um mal estar que não sei donde me veio. Nada ocorreu que o determinasse. Ontem vivi um dia igual a todos. Não tive mesmo uma questão com o coletor. Porque não estou satisfeito? Não sei. E quem o poderá saber! Há em nós tanta coisa misteriosa, tantos sentimentos cujas origens nos escapam, que me esforço em vão por explicar êste meu atual estado dalma. De uns tempos a esta parte, acontece-me isso amiudadas vêzes". Lima Barreto, em "Recordações do escrivão Isaias Caminha".

*

1-X-194... — "Nada voltará, — disse êle, sem prestar atenção à pergunta — e, no entanto, cada sópro do homem implora a volta. Nada do que pensou, retornará. Mas o mais forte desejo do homem é bem êste: de que tudo volte". Jacob Wassermann, in "Golovin".

ARGUMENTOS

Murilo Mendes

MURILO MENDES gosta de dizer que não compreende um poeta que não viva poeticamente. O que é preciso é saber o que se entende por vida poética ou pelos aspectos que ela possa assumir.

Quanto a Murilo, conheço-o há muitos anos e sei perfeitamente que, para êle, viver a poesia é vivê-la com entusiasmo, em transe, não só no verso como em cada gesto, em cada olhar, em cada lembrança, em cada antecipação; surpreendê-la — como Rimbaud nos “dessus de porte” e um pouco ainda à maneira dos surrealistas da “idade de ouro” — no “loplop” de uma vitrina de modas ou de aparelhos ortopédicos, numa “planche” de anatomia num daguerreotipo, numa gravura em aço de um livro do astrónomo Flammarion, num manequim de alfaiate, numa pintura mural de café da Lapa, etc., etc.

Houve um tempo em que se falava muito das “blagues” de Murilo Mendes. Conheci-o precisamente nesse período de antes da Revolução de Outubro (espécie de “gay nineties” já estourando de inquietações), quando frequentei com o poeta e um outro “antigo” — o ausente pintor Cícero Dias — um bar cartoca chamado “Bar Jardim da Glória”, tão vazio, tão irreal e noturno com o seu pequeno letreiro azul livido de gás néon, metido numa



travessa tão sintética, que dava vontade de empurrar-lhe as paredes para ver se não eram de papelão e tela como um “décor” de teatro.

Pois bem, das famosas e mal compreendidas “blagues” de 1928-1929 já estavam nascendo algumas das imagens mais fortes e mais profundas da moderna poesia brasileira.

Murilo Mendes permanece fiel à sua “fairylândia” de que, a exemplo de William Blake, nas palavras de Chesterton, é um legítimo cidadão, — mundo onde o caos, a angústia e o delírio preparam “a ordem da anarquia eterna”.

WILLY LEWIN

«Poemas», de Darcy Damasceno

É difícil encontrar-se num livro de estréia algumas das qualidades demonstradas pelo sr. Darcy Damasceno: referimo-nos ao seu senso de equilíbrio, à sobriedade na factura do verso, quase sempre curto e conciso, à doce serenidade interior que neles se sente, êsse lirismo comedido e por assim dizer sussurrado à sensibilidade do leitor — sem que, por nenhum momento, essa sobriedade de forma e de essência signifique arrefecimento da pura emoção do poeta. Em razão dessas qualidades tôdas e por um certo sabor arcáico provindo do seu vocabulário, sente-se no sr. Darcy Damasceno um autor que se embebeu e cotidianamente convive com os clássicos da poesia português-a e de outras poesias. Êle pertence à família dos drummondianos, — não implicando aqui o termo numa definição de influências, embora seja possível que o sr. Damasceno seja delas impregnado, mas antes como uma aproximação por afinidade temperamental — em contraposição à família dos schmidtianos, dos eufóricos, dos expansivos e líricos de fôlego amplo. Via de regra a evolução de um poeta inicia-se pela maneira schmidtiana, isto é, a maneira pela qual o sr. Augusto Frederico Schmidt se implantou como um marco na nossa literatura moderna, para através de um lento ama-

durecimento espiritual e artístico atingirem a forma lacônica e precisa da qual se tornou um dos principais expoentes entre nós o sr. Carlos Drummond de Andrade. O sr. Darcy Damasceno, um tímido, um introvertido, parece que tem pudor de expressar em alta voz os seus sentimentos e as suas comoções. Segreda-nos ao ouvido, transmite a sua mensagem pessoal num tom moderado e calmo. Foge das grandes palavras, evita os versos solenes, jamais procura os fáceis efeitos de surpresa ou de espanto. Com extrema simplicidade e doçura trata dos perenes e inesgotáveis temas sôbre a mulher, o amor, as fugas, a nostalgia das viagens, numa acentuada, deliciosa nuance pessoal. Cada leitor encontrará um pedaço inadvertido ou esquecido do seu ser num poema do sr. Darcy Damasceno. — Há, porém, um perigo jacente no fundo dessa sua palção ou tendência à simplicidade, à concisão e à sobriedade, do qual *quiseramos* prevení-lo: o perigo de cair no extremo contrário. Aos defeitos que porventura pretenda elidir, isto é, que com o tempo e a fôrça do hábito a sua maneira não se transmude e resulte gradual e insensivelmente numa demasiada secura, numa fria indiferença apoética, não atrofie a estreme, sincera, genuína chama do estro criador. (B. G.).

COMO SURTIU A IDÉIA DE “JOSE”

— De muitos lados, ao mesmo tempo. Primeiro; com Mário Barata, pensei em tirar uma revista, depois da morte de Mário de Andrade, com o nome dêste — “Mário”. Seria apenas literária e artística, em homenagem ao pai de Macunaima. Não saiu, por mil motivos. (Depois sonhamos em tirar “Triângulo”, que seria mimeografada. Novo fracasso). Acabou saindo “Clá”. Mas eu sempre sentia a necessidade de se fazer coisa mais ampla, mais acessível portanto ao grande público e, em razão disso, melhor para os próprios intelectuais, que passariam forçosamente a ter mais leitores, como é o caso agora, com “José”. Soube por intermédio de Otto Maria Carpeaux do aparecimento de “Joaquim”, de Curitiba. Vi um dos números. Entrei em contacto, por carta, com Dalton Trevisan, seu director. Disse-lhe que a revista estava muito boa e que o nome era um achado, capaz de exprimir até um novo movimento político, de defesa do nosso homem-da-rua, contra, inclusive, os políticos que o exploram de maneira tão revoltante. Seria o “joaquinis-

mo”... Eu não queria ser profeta — escrevi-lhe — mas achava que “Joaquim” poderia ser um belo começo. Mas “Joaquim” não era uma revista política... Por que não ampliá-la, então? Dalton Trevisan quase me convence do contrário, me convence, pelo menos, em relação a “Joaquim”. Mas a idéa me ficou, vendo nela ainda a possibilidade de se fazer coisas diferentes em matéria de jornal. Numa conversa de amigos, já com o nome “José” na cabeça, comecei a jogar a partida. Disse tudo num tom quase de pilhéria, mas o tom foi ficando sério e agora temos “José”, cuja orientação é a mesma que pensei para “Joaquim”. Mas “José”, no seu aspecto literário e artístico, é uma atualização de “Mário”, como aliás foi explicado no seu primeiro número. De qualquer maneira, não pensei em fazer propriamente coisa original, interessando muito mais fazer coisa honesta e construtiva. Essa é a melhor defesa da idéa que estou concretizando aos poucos, com o apóio da parte mais sadia da inteligência de minha terra.

Antônio Girão Barroso

FLAUBERT E A CRÍTICA

“Falas-me dos criticos; para que nos incomodarmos com o pipilar dos melros. Eu me proporia sustentar uma tese de que não há boa critica desde que é feita, que ela só serve para aborrecer os outros e embrutecer o público; faz-se a critica quando não se pode fazer a arte, do mesmo modo que a gente se torna espiã quando não pode ser soldado.” (Do primeiro volume da sua CORRESPONDÊNCIA).

Um artigo e vários depoimentos

Quando se fizer a história da inteligência brasileira no período entre as duas últimas guerras — a de 14 e a de 39 — há-de constatar-se que nenhuma figura foi tão discutida e tão combatida como o Sr. Alceu Amoroso Lima.

Pensador honesto, católico esclarecido e avançado, soube sempre ver muito além do campo limitado de seus correligionários, colocando-se na encruzilhada de idéias e doutrinas porque sabia e sabe que apesar de ser esse o ponto mais perigoso em tôdas as lutas, só nessa encruzilhada os que se combatem poderão encontrar-se e entender-se, e não em caminhos que dividem cada vez mais.

Muito lhe tem custado o desassombro de tal posição: aos ataques, à maldade de adversários não raro se têm juntado as críticas, nem sempre criteriosas, o ressentimento e a maldade de alguns correligionários, que vêem no seu espírito de tolerância, no seu desejo de compreensão, uma manifestação de fraqueza, uma atitude de concessão, coisas completamente inadmissíveis para aquêles que lhe conhecem os trinta anos de lutas pelo entendimento entre os homens cá da terra. Se nesta luta houve erros, nunca chegaram êles a comprometer aquela vontade honesta de acertar, aquêles desejo de dar a mão à palmatória, como foi feito ainda há pouco, por ocasião de uma série de "explicações pessoais", a que foi le-

vado o ilustre homem de letras pelas investidas renovadas de ressentimentos surdos e vontades contrariadas.

A geração de vinte anos, que aí está, e de cuja inquietação "Orfeu" pretende ser veículo, compreende melhor, porque mais afastada de antigas polêmicas e de ataques dirigidos a Alceu Amoroso Lima, — esta geração compreende melhor, dizíamos, a verdadeira posição do velho mestre.

E' o que estamos verificando agora.

Tendo o Sr. Alceu de Amoroso Lima publicado em recente número de "A Época" um artigo sôbre a atual geração literária, à qual chama neo-modernista, numerosas vezes já se fizeram ouvir, num inquérito a respeito. Curioso é de notar-se que, em geral, os escritores jovens estão de acôrdo quase completo com o crítico modernista.

Quatro pontos principais da diferença entre modernistas e neo-modernistas a s i n a l a m bem as posições de ontem e de hoje, as atitudes daqueles e dêstes, perante os fatos sociais, determinantes, próximas ou remotas, mas em última análise determinantes da atitude do artista perante a vida.

Enquanto o movimento modernista foi, como diz o articulista, eminentemente nacionalista e mesmo regionalista, o neo-modernismo apresenta-se com acentuada tendência para o universal. De outra parte, a preocupação social é

Anton Bruckner

O austero idealista Anton Bruckner e sua alma irmã Gustav Mahler não foram compreendidos em seu tempo e, ao que parece, continuam a sofrer a incompreensão sob a forma de crítica de alguns depreciadores da escola wagneriana, como o renitente e desprestigiado Hanslick, cujo nome perdura na história da música em honra à sua pobreza de espírito. Admite-se que a técnica maciça e complexa desses grandes mestres ainda hoje encham de gelo o cérebro e o coração dos incorrigíveis líricos das melodias açucaradas e dos vocalises sem significação. Não é cabível, entretanto, que um crítico mo-

derno, apaixonado apreciador de obras contemporâneas e ardoroso defensor das avançadas teorias musicais, como é o Sr. Antônio Rangel Bandeira, emita conceitos tão desabonadores para o próprio autor dos mesmos, como os que transcrevemos da sua seção "Auditório", publicada na revista "O Cruzeiro" em agosto último.

"Não compreendo", diz o Sr. Bandeira, "o que levou a O. S. B. a dedicar cerca de três semanas de exaustivos ensaios, numa obra como essa (a 7.^a Sinfonia de Bruckner), mais de interesse histórico do que artístico, com ser cansativa e

de primeira plana, o que, em certos gêneros, como por exemplo o romance, não deixa de ser um reavivamento de fogo ateado por alguns escritores da última geração.

Uma diferença é fundamental: a busca de um novo equilíbrio formal, principalmente na poesia. Enquanto o verso livre foi o veículo para muita poesia horrível, cristalizando-se apenas na maneira de uns poucos grandes poetas, uma nova sede de equilíbrio, de quase quietação leva os jovens poetas de hoje à procura de uma outra disciplina.

Outro ponto do artigo do Sr. Alceu Amoroso Lima e ainda com o qual há concordância geral é o que define

o movimento incipiente como um prolongamento do anterior, uma renovação ditada por novas condições sociais e não por espírito de destruição.

Como vemos, o Sr. Alceu Amoroso Lima interpretou com justeza aquilo que todos os jovens ora lançando-se à aventura estética sentem e procuram expressar.

A atitude do suplemento literário, convocando os escritores novos para uma manifestação a respeito do artigo em apreço, deu ao grande crítico a oportunidade de verificar o grau de acatamento de que, a despeito das inimizades gratuitas, goza entre os nossos jovens, acima das divergências de qualquer natureza. (D. D.).

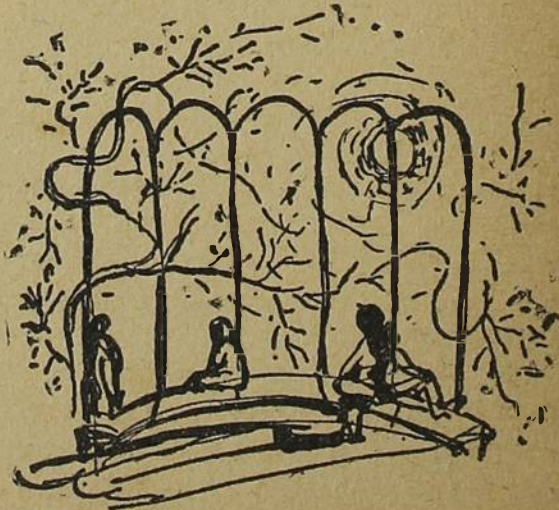
grandiloquente, quando há tantas e tantas obras de interesse artístico, que não tivemos ainda a oportunidade de ouvir aqui no Rio!" E prossegue, sem péjo, o Sr. Bandeira: "Só num ciclo demonstrativo de evolução da música sinfônica, eu compreenderia a inclusão de uma obra como a 7.^a Sinfonia, de Bruckner, porque de outro modo não compreendo; sai do Municipal morto de tédio musical."

Convenhamos em que não é fácil encontrar palavras que situem com exatidão, no panorama da crítica, estas afirmações escabrosas. Sòmente há uns poucos anos começou o mundo a reconhecer o justo valor das obras de Bruckner, consagrando-as como a realização da "música do futuro", anunciada pelo grupo de artistas ilustres, difusores do movimento wagneriano, à testa do qual se collocaram Franz Liszt e Hans von Bülow. Tanto assim é que o crítico André Coeuroy, em seu livro "Panorama da Música Contemporânea", observa não ter sido ainda afastada a barreira "Bruckner-Mahler-Strauss", apesar da revolução desesperada do atonalismo schöemberguiano, com todos os seus doze tons. Entre as criações de Anton Bruckner, justamente as Sinfonias de ns. 4 e 7 conseguiram maior relevo e firmaram-se no repertório das orquestras dos maiores centros de cultura, juntamente com algumas sinfonias de Mahler e os poemas sinfônicos de Strauss, como as expressões mais fortes da renovação romântica alemã, iniciada com Richard Wagner.

Referindo-se a Bruckner, Sigmund Spaeth, musicólogo de enorme projeção em nossos dias, diz em "Great Orchestral Music": "Eis aqui um sinfonista de gênio indiscutível, amargamente atacado e estranhamente mal compreendido durante sua vida, e sòmente agora começando a chegar à apreciação que lhe é devida. A 7.^a é inquestionavelmente a mais popular das sinfonias de Bruckner. O "canto fúnebre" (adagio) tem sido chamado de "a página mais celebrada" de Bruckner. Quanto à 8.^a Sinfonia, estreitada em Viena, com Hans Richter, em 18-12-1892, o próprio Hanslick admitiu seu sucesso triunfante."

Quanto ao fato de existirem muitas e muitas obras de interesse artístico ainda não apresentadas em orquestra ao nosso público, é uma afirmação muito justa. Não decorre daí a necessidade de enterrar as grandes páginas sinfônicas que, se não nasceram hoje, ainda lhes resta bom tempo de vida, talvez mais vigorosa do que a de tantas que hoje vêm à luz.

ZITO BAPTISTA FILHO.



Anísio Medeiros

A pedido de meu amigo, Fernando Ferreira de Loanda, me proponho, nesta nota, apresentar um dos mais definidos talentos desta novíssima geração de artistas: o desenhista Anísio Medeiros.

Entretanto este encargo me é de certa maneira difícil, primeiro porque me falta uma intuição crítica (digo intuição porque aqui nós somos apenas intuição), em segundo, porque sou amigo do jovem desenhista desde o longínquo 1934, quando nos conhecemos primeiranistas do Liceu Piauiense. Assim pois, para falar de Anísio Medeiros tenho que falar pelo coração, o que, para os demais, de nada valeria desde que a sua arte não se apresentasse por si mesma. Ficando assim esclarecido, isto é, que vou pelo coração e não pela crítica (para a crítica eu o deixarei só), começarei por dizer que em 1934, Anísio e eu, pintávamos jarros marajoaras e iamos à estação da estrada de ferro de Teresina receber artistas de companhias teatrais, e tímidamente, as nossas cabeças bem nortistas, gritavam: salve Jaime Costa! Em 1942 já, então, nos achávamos no Rio, embora ainda gritasse nos nossos ouvidos o barulho do microfone nas tardes quentes de Teresina.

A obsessão da pintura, do desenho, empolgou o meu amigo (isso porque no norte já éramos pintores!). Frequentávamos exposições, folheáva-

mos álbuns, sussurrávamos o nome de Picasso, e em improfíguas discussões lançávamos argumentos mirins para defender Portinari e Carlos Drummond de Andrade (repito mais uma vez o prodígio da nossa intuição). Houve os dias dos "dissidentes", mas os dissidentes necessitavam do apóio dos maiores e a nossa presença seria incômoda e talvez comprometedora para com eles. Mas, continuávamos. Anísio desenhava, sem escola onde pudesse fazer um pouco de academismo, o que é de grande proveito para um jovem, e não tinha professor nem modelo. Foi quando em 1946 lhe veio a grande oportunidade: o curso de desenho e artes gráficas da "Fundação Getúlio Vargas", onde pôde aprender muito, com a oportuníssima orientação de três grandes professores: Santa Rosa, Axel Leskoschek e Carlos Oswald, aproveitando em método, disciplina e artesanato. Mas o que salva e tem salvado sempre Anísio Medeiros é o seu poder de análise, de auto-crítica e acima de tudo, o seu respeito para com a arte. Em matéria de criação artística Anísio é incapaz da menor leviandade, do contrário não haveria nenhuma criação, e é esse escrúpulo que o torna, as vezes, ríspido e mal humorado em frente o improvisado, ou melhor, à ausência de escrúpulos frequente no nosso meio artístico. Mas isso, por si só, repito, não

faria de Anísio um grande talento se não tivéssemos a prova de suas fortes realizações. O seu exagêro é tanto (se a isso podemos chamar de exagêro e não virtude) que êle é incapaz de ilustrar um conto, um poema, projetar um cenário sem que leia e releia êsse poema ou aquela peça, para captar definitivamente a atmosfera em que se exprimiu ou quis exprimir o autor. A propósito narrarei o que certa vez se passou entre Anísio Medeiros e o poeta Lêdo Ivo. Lêdo Ivo lhe popôs o seguinte: "quero que você illustre a minha "Ode ao crepúsculo", mas se lhe proponho isso é porque já tomei informações a seu respeito com o nosso grande Santa". Ao que Anísio respondeu: "Está bem, você me trás o livro para eu ler. Se gostar, ilustrarei, poeta Lêdo Ivo". A Anísio poderemos

juntar a pergunta de Rilke ao jovem poeta: "morreria se não me fôsse permitido escrever?" E estou certo pela afirmativa, pois o caso Anísio Medeiros é um caso de vocação. Os seus desenhos e vinhetas para "Orfeu" são a melhor prova disso e talvez de grande significação para a nova revista.

F. P. S.



Uma vez, encontrando-se com Lêdo Ivo, Marques Rebelo lhe disse:

— Estou de malas arrumadas para ir aos Estados Unidos. Tu sabes, vou lá aprender umas coisas que não sei.

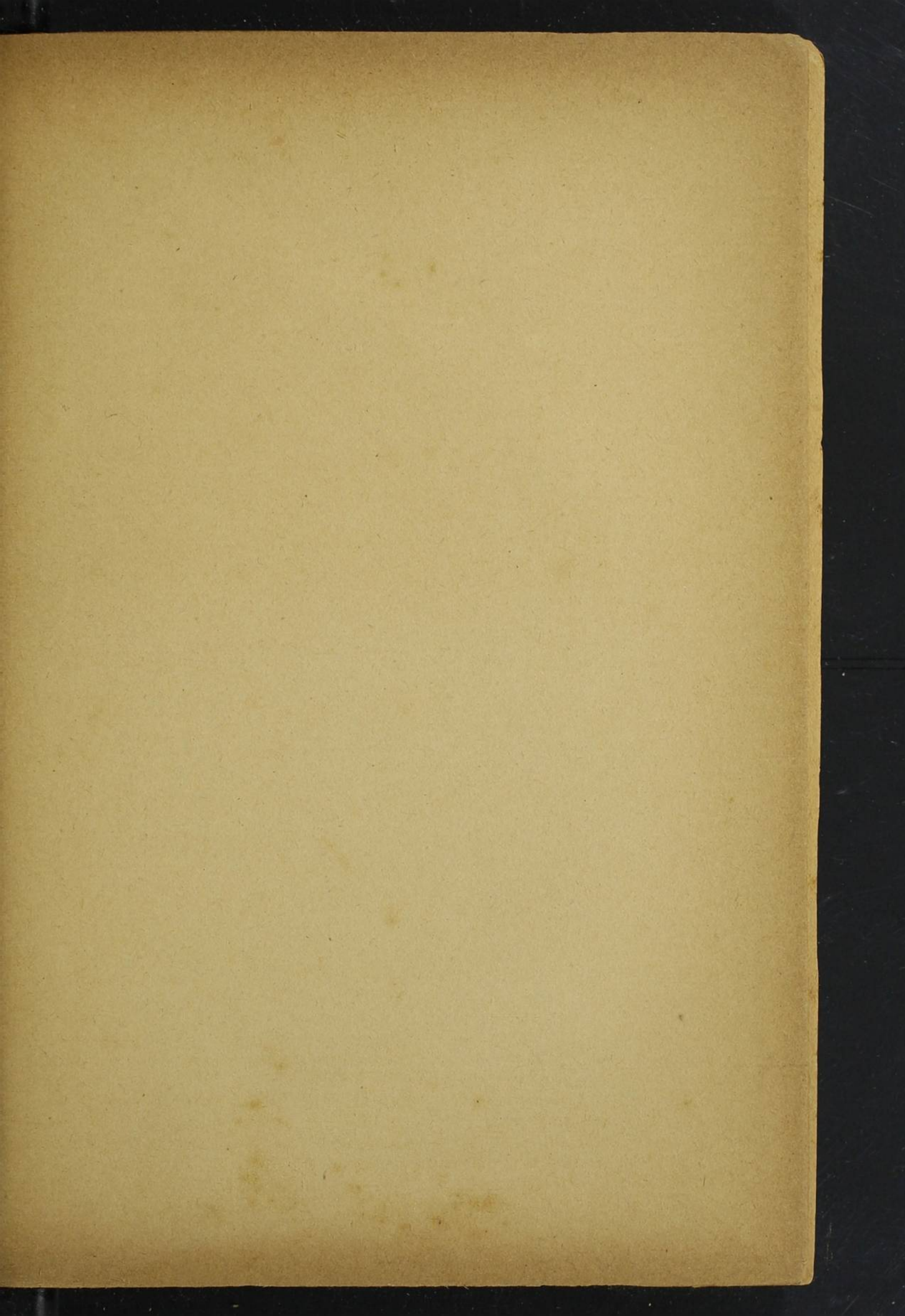
Lêdo Ivo:

— Quer dizer que você vai se demorar lá muito tempo.

DOR DE DENTES

No romance, como prevê o Eclesiastes, há horas para tudo. Assim haverá uma hora para o herói cair de joelhos aos pés da amada, outra para se rojar na cama com dores de dentes. Fazer coincidir êstes dois momentos é destruir o tom idílico do romance. Não há diálogo de amor que resista a uma dor de dentes. E, no entanto, quantas vêzes na vida coincidem amor e dor de dentes!

JOÃO GASPAR SIMÕES.



Para doan

45057

LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA GLOBO

NA COLEÇÃO

AUTORES BRASILEIROS

VOLUMES SIMPLES

1.	Moysés Vellinho	Letras da Província	14,00
2.	Ivan Pedro de Martins	Fronteira Agreste	18,00
3.	Darcy Azambuja	No Galpão	10,00
4.	Ciro Martins	Porteira Fechada	18,00
5.	Reinaldo Moura	Mar do Tempo	10,00
6.	Dionéllo Machado	Os Ratos	16,00
7.	Helena Silveira	A Humilde Espera	12,00
8.	Sergio Millet	Pintura quase sempre	20,00
9.	Edgard Cavalheiro	Testamento de uma Geração	20,00
10.	Maria Luísa Cordeiro	Um Olhar para a Vida	14,00
11.	Mário Neme	Plataforma da Nova Geração	20,00
12.	Amadeu de Queiroz	João	15,00
13.	Érico Veríssimo	O Resto é Silêncio	22,00
14.	Murilo Mendes	Mundo Enigma	14,00
15.	Érico Veríssimo	Olhai os Lírios do Campo	28,00
16.	De Sousa Júnior	Castelo dos Fantasmas	14,00
17.	Érico Veríssimo	Caminhos Cruzados	28,00
17.	Ovídio Chaves	Capricórnus	24,00
19.	Sergio Millet	Poesias	18,00
20.	Alvaro Lins	História Literária de Eça de Queiroz	15,00
21.	Ruth Guimarães	Água Funda (Em reedição)	
22.	Alphonsus de Guimarães Filho	Poesias	20,00
23.	Gomes da Silveira	Uma Experiência de Amor	20,00
24.	Ivan Pedro de Martins	Caminhos do Sul	25,00
25.	Genolino Amado	Os Inocentes de Leblon	20,00
30.	Érico Veríssimo	Um lugar ao Sol	28,00

VOLUMES GIGANTES

1.	José Geraldo Vieira	A Quadragesima Porta	28,00
2.	Eduardo Guimaraens	A Divina Quimera	45,00
3.	José Geraldo Vieira	A Mulher que Fugiu de Sodoma	25,00
4.	Érico Veríssimo	A Volta do Gato Preto (Em reedição)	
5.	José Geraldo Vieira	A Túnica e os Dados	32,00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS OU PELO

REEMBOLSO POSTAL

Agência da Editora Globo no Rio de Janeiro:

RUA ALEXANDRE MACKENZIE, 127/B

O CAMINHO SEM AVENTURA

de LÊDO IVO

E' um romance completo, de autoria de um romancista completo, que ao seu poder de concepção oferece um frêmito novo, como se em suas páginas o leitor se espelhasse, se visse e se reconhecesse em sua humana universalidade.

É UMA EDIÇÃO IPÊ

Av. Rio Branco, 311 — Sala 421 — Atende pelo
reembolso postal

ORFEU

Se quer receber em casa Orfeu, envie-nos o seu endereço, bem legível, acompanhada da importância correspondente a um ano, por meio de vale postal ou carta registrada.

ASSINE

“Joaquim”

(revista mensal de arte, em homenagem a todos Joaquims do Brasil).

Redação: Rua Emiliano Pernetá, 476 — Curitiba — Paraná.

CADERNOS DA INFÂNCIA

de NORAH LANGE

Um estudo completo sobre a infância e mocidade feminina. Problemas, paixões, vida íntima, desejos, complexos. Uma sondagem encantadora e sincera aos mais recônditos aspectos da alma feminina.

É UMA EDIÇÃO IPÊ — À VENDA EM TÔDAS
AS LIVRARIAS